

MARIÁPOLIS

Noticiário do Movimento dos Focolares

Deus entre nós

*A Sua presença
até nos pontos mais
quentes da Terra*

Rocca di Papa

Inicia o novo Centro da Obra

Conselhos para a Itália

A mensagem programática
da Emmaus para a nova
configuração



«Desci como luz para o mundo»

[...] Impressionou-nos o facto de, naquela única vez que a Terra viu germinar, entre os filhos dos homens, o Filho do homem, aquela única vez durasse tão pouco, numa época precisa e num ambiente restrito. Mas, depois, compreendemos. Tendo-se feito homem, assumia todos os limites do homem, exceto o pecado. Mas, sendo Deus, até um pequeno e esplêndido discurso, feito a uma única mulher, como a samaritana, se difunde em todo o mundo, tendo o sabor de uma palavra adequada a todo o mortal. Porque cada pessoa tem sede daquela água e espera poder ir até Ele, para beber.

[...]Mas há um facto realmente esplêndido, admirável, altíssimo, sobrenatural, consolador: é que, apesar da sua figura estar limitada à Palestina, apesar de ter as palavras contadas, embora determinada, em poucas horas, a sua paixão e morte - expressão solene de um amor sem limites - Ele, conhecendo o coração dos homens, pelo batimento do seu coração, pareceu não se resignar a esse limite imposto pela carne humana que tinha assumido e, antes de morrer, ao lado das pérolas divinas do seu mandamento novo, da oração onipotente ao Pai, quis deixar-nos uma coisa que O multiplicasse, no tempo e no espaço. E inventou - invenção de um Deus, de que só o Paraíso, com os anjos e os santos e Maria, perpetuamente, seriam capazes de lhe prestar um digno agradecimento - a Eucaristia.

Aqui, não se deveria falar. Dever-se-ia adorar. Este é o mistério do amor de Deus que não tem limites. [...]

Nunca ninguém saberá, a não ser o próprio Deus, o que realizou Jesus Eucaristia, através dos séculos, e em todos os pontos da Terra.

Vendo as coisas na nossa pequena perspectiva, temos de dizer também que, no fundo, se o nosso Movimento nasceu, teve origem, deve-se a Ele Eucaristia. [...]

Foi Jesus Eucaristia que deu coragem e energia. É Ele a principal causa da nossa alegria, da nossa vocação e foi Ele, também, o alimento, o vínculo mais forte da unidade, nosso ideal. [...]

Quando Jesus estava na Terra, Ele falou, era o Verbo e devia falar. Na Eucaristia, está calado. Quantas vezes este facto nos impressionou. Sim, já era muitíssimo, mesmo inacreditável que Deus se tivesse feito homem. Mas que, no último momento, Ele se escondesse sob as aparências de pão, isto parece demasiado. Mas, pelo contrário, não. É a lógica do amor. Tendo-se feito homem, amou-nos como a Ele próprio, mas havia um grande desnível entre nós e Ele. Então, inventou a Eucaristia para nos tornar Ele. Pôs-se ao nosso serviço, como o alimento está ao serviço do homem, porque quer fazer de nós outros Ele, outros Cristo. Ele vivia bem o Evangelho e sabia como se deve amar.

Quis, com a Eucaristia, que nós chegássemos a repetir, com consciência e verdade, as suas palavras. Mas todas elas, que, em virtude d'Ele, nós, não já nós, mas Ele em nós, pudesse, com a sua vida, dizer aos outros: «Eu sou o caminho, a verdade, a vida», «Eu descí como luz para o mundo»².

Chiara

Texto preparado por Chiara para a Mariápolis de 1959. Publicado no livro *Jesus Eucaristia*, Fabio Ciardi, integral pgs. 107-111. Aqui alguns excertos pgs. 108-111, Cidade Nova 2014

¹ Jo 14,6.

² Cf Jo 12,46

Nella foto: Chiara a Mollens, Natale 2005

Palavras de vida 2015

Janeiro | «Disse-lhe Jesus: “dá-me de beber”» (Jo 4,7).

Fevereiro | «Acolhei-vos uns aos outros como Cristo vos acolheu, para a glória de Deus» (Rm 15,7).

Março | «Se alguém me quer seguir, renegue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me» (Mc 8,34).

Abril | «Fiz-me tudo para todos» (1 Cor 9,22).

Maio | «Mas Deus, que é rico em misericórdia, mostrou por nós um grande amor. Estando nós mortos por causa das nossas culpas, ele deu-nos a vida por meio de Jesus Cristo» (Ef 2, 4-5).

Junho | «Marta, Marta, andas preocupada e aflita com tantas coisas, mas uma só é necessária» (Lc 10, 41-42).

Julho | «Tenham coragem: eu venci o mundo!» (Jo 16,33).

Agosto | «Vivam no amor de Deus» (Ef 5,2).

Setembro | «Ama o teu próximo como a ti mesmo» (Mc 12,31).

Outubro | «Se tiverem amor uns aos outros, toda a gente reconhecerá que vocês são meus discípulos» (Jo 13,35).

Novembro | «Para que todos eles vivam sempre unidos» (Jo 17,21).

Dezembro | «Preparem o caminho do Senhor e abram-lhe estradas direitas» (Mc 1,3).

Paulo VI e Chiara Lubich

A profecia de uma Igreja que se torna diálogo

Jornadas de estudos a 50 anos de distância da primeira audiência de Paulo VI a Chiara

«O tema que vamos abordar durante estas jornadas representa uma mudança decisiva na história da Igreja católica do século passado, que conheceu transformações significativas nos modos e nas formas usadas pelos fieis para oferecer o próprio testemunho cristão no meio do mundo, deram um contributo pessoal à vida eclesial e participaram na edificação da comunidade humana». São palavras do pe. Angelo Maffei, presidente do Instituto Paulo VI de Concesio (Brescia), no dia 7 de novembro passado, ao abrir os trabalhos das jornadas de estudos, promovidas pelo Instituto e pelo Centro Chiara Lubich. O acontecimento, por feliz coincidência, teve lugar poucos dias após a beatificação de Paulo VI.

Na origem do encontro estava uma breve frase da Eli, através da qual se intuía a dimensão da vida de Chiara: isto é, o desejo de que viesse em evidência quem foi este Papa para Chiara e para toda a Obra de Maria. Foi esta a “centelha inspiradora” que, em 2012 nos levou a estabelecer contactos mais estreitos com o



Eli Folonari, Cesare Zucconi da Comunidade de Sant'Egidio, o card. Paul Poupard, Andrea Riccardi

Instituto Paulo VI e a envolver, nesta iniciativa, representantes de outras realidades da Obra: Escola Abbà, Centro Iginio Giordani, Instituto Universitário “Sophia”, Centro “Uno”.

A indicação da Emmaus de “fazer tudo, juntos” acompanhou cada uma das fases do trabalho de preparação, a sua intuição e amor seguiram esta “aventura” desde o início. Na saudação com que recebeu os participantes, mencionou a “profunda sintonia que se revela, de modo especial, na subtil capacidade es-





Da direita: p. Giancarlo Salvini, ex-diretor de *La Civiltà Cattolica*, Maria Voce, p. Angelo Maffei, do Instituto Paulo VI

piritual de Paulo VI de captar, no carisma que Deus deu a Chiara Lubich, o agir do Espírito Santo". Um "grande Papa" que, pela primeira vez na história, concedeu a duas mulheres (Teresa de Ávila e Catarina de Sena) o título de "doutoras da Igreja", encorajou a presença feminina nas realidades eclesiais e, em relação a Chiara, acompanhou-a no processo complexo de institucionalização do carisma da unidade, com uma atenção especial pelo caminho ecumênico e pela realidade juvenil.

As primeiras intervenções, confiadas a dois historiadores, Andrea Riccardi e Alberto Monticone, deram um enquadramento da presença e qualidade dos Movimentos leigos a partir do séc. XIX. Neste amplo contexto, Riccardi pôs em evidência o quanto - na Igreja pré-conciliar, em que o Movimento dava os seus primeiros passos - fosse inovador e explosivo o conceito de "carisma", entendido como dom do Espírito que se identifica com o ministério hierárquico, e como a experiência dos Focolares tenha sido inovadora e "abriu o caminho" para o reconhecimento de outras realidades cronologicamente sucessivas.

Seguiram-se intervenções analíticas da Lucia Abignente, de Paolo Siniscalco, Joan Back (Pavi), Alberto Lo Presti e de Adriana Cosseddu (todos eles do Movimento dos Focolares), que, segundo os diversos campos de competência e investigação, indicaram

percursos e abriram perspectivas, suscitando um grande interesse e até admiração, pela novidade da "leitura" e pelo material inédito apresentado. Como num mosaico, os relatores aprofundaram os relacionamentos entre o mons. Montini/Paulo VI e Chiara Lubich por causa do processo de reconhecimento do Movimento dos Focolares; a atitude de plena confiança com que Paulo VI "olhou" para o Movimento, de modo que mantivesse vivo o espírito cristão nos Países do Leste, antes de 1989; o

dinamismo ecumênico do Papa, que encontrou na pessoa de Chiara uma interlocutora privilegiada; a questão do reconhecimento jurídico dos Estatutos da Obra, como ocasião para abrir novas oportunidades às agregações laicas; a original afinidade entre o conceito de doutrina social cristã de Iginio Giordani e a *Octogesima adveniens* de Paulo VI.

"Para mim foi particularmente enriquecedor - comentou o pe. Fabio Ciardi - poder ver o Movimento dos Focolares e a sua fundadora, através dos olhos do Papa Paulo. Este grande, que tinha uma visão muitíssimo ampla, sobre a Igreja e a sociedade do seu tempo, teve também um olhar particular sobre esta obra de Deus. Colocando-se na sua perspectiva, percebem-se aspetos novos deste carisma e do seu percurso dentro da Igreja". Também o pe. Gianpaolo Salvini, ex-diretor de *La Civiltà Cattolica*, que moderou a primeira sessão, estava também muito tocado com a atmosfera e sublinhou o alto nível das intervenções.

O Mons. Piero Coda ofereceu uma leitura teológica da profunda sintonia existente entre a Encíclica *Eclésiua Suam* de Paulo VI e o carisma da unidade. Entre outras coisas, pôs em evidência que os três pontos que caracterizam a Encíclica - a consciência, o renovamento, o diálogo - impregnaram a reflexão e a experiência de Chiara durante toda a sua vida.

Concluindo os trabalhos, Brendan Leahy

(Bispo de Limerick, na Irlanda) verificou um projeto de Deus específico nesta sintonia: por um lado um Papa que teve uma luz extraordinária para a época moderna, para a consciência eclesial, para o diálogo, graças à sua grandeza de alma, à sua espiritualidade, à sua sensibilidade pelo laicado; por outro, Chiara Lubich que, sendo leiga, mulher, teve esta consciência eclesial como corpo místico social e uma enorme sensibilidade para o diálogo. E acrescentou: “Paulo VI e Chiara são como instrumentos de Deus para suscitar na Igreja um passo novo, epocal [...]: é o emergir do perfil mariano, não no sentido religioso ou piedoso, mas no sentido da eclesialidade laical, que é a sociedade moderna cristificada”.

O apreço unânime dos participantes por estas Jornadas, primeira “saída à vida pública” do Centro Chiara Lubich, pareceu-nos uma resposta às indicações da recente Assembleia: “sair”, “juntos”, “devidamente preparados”. O pa-

dre José-Román Flecha Andres, da Universidade de Salamanca, que orienta estudos sobre os místicos espanhóis dos anos 1500, comentou: “Tive a oportunidade de sentir o ‘hálito’, a experiência de uma vida vivida numa mística encarnada: isto é uma coisa muito interessante”. Recordando como Santa Teresa D’Avila e São João da Cruz tivessem intuído a necessidade de transmitir, a toda a Igreja, a própria experiência interior, afirmou: “e aqui vimos como, graças ao espírito de Deus, ao Espírito Santo, isto se realizou na vida de Chiara, deste Movimento”.

A sensação de plenitude e gratidão que reinava, pode-se exprimir com as palavras do Card. Paul Poupard: “Estamos reunidos para dar graças ao Senhor, doador de todos os bens e graças na sua Igreja, por nos ter dado, no nosso tempo tão provado, duas grandes testemunhas do seu amor, que veneramos como nossos mestres na fé”.

Brendan Leahy, Paolo Siniscalco, Lucia Abignente



Francisco e Jerusalém

A Città Nuova vai publicar um livro em que o autor, Paolo Loriga, faz o balanço da viagem do Papa Bergoglio à Terra Santa

Há acontecimentos que, pela sua densidade, são destinados a produzir os seus efeitos a médio e longo prazo. Há

gestos que, pela sua intensidade, continuam a produzir e voltar a produzir efeitos, apesar do seu significado simbólico. Ainda é cedo para saber se a visita do Papa Francisco à Terra Santa e o sucessivo encontro entre Abu Mazen e Shimon Peres no Vaticano se inserem na categoria dos assim chamados *game changer*, das reviravoltas da história que marcam uma descontinuidade no plano político-diplomático. É verdade também que o objetivo realmente internacional (e não só pastoral) do Papa Francisco é da mesma envergadura, por

exemplo, que a oração universal de Assis pela paz, convocada por João Paulo II, em outubro de 1986. A prespetiva profética e a prespetiva simbólica não são, de facto, estranhas à política, pelo contrário. É aquilo a que os analistas políticos chamam a *vision*, a visão, isto é, o projeto complexo. Uma abrangência ampla, que permite compreender também o presente para o poder transformar, juntamente com as componentes evocativas (e não simplesmente emotivas) da ação política. A representar a confusão para lhe inserir uma mudança e demolir paradigmas empedernidos, como o da prevalência (ilusória e instável no tempo) das soluções pela força sobre as negociações, do domínio do medo sobre a confiança.

Do prefácio de Pasquale Ferrara, diplomático, secretário geral do Instituto universitário europeu

Preparando o dia 14 de março de 2015

Chiara Lubich a unidade e a política

Este ano o 7º aniversário da partida de Chiara vai ser celebrado com o aprofundamento da incidência do Ideal da unidade na dimensão política

Linhas de orientação para se ser protagonistas de *Politics for unity making a world of difference* (Políticos para a unidade, para um mundo diferente)

O que é

O conjunto de muitas iniciativas - nacionais/locais - que se desenrolam por volta do dia 14 de março de 2015, 7º aniversário da morte de Chiara Lubich, para conhecer e actuar hoje o seu pensamento. Ligados em web através dos sites: focolare.org, mppu.org, newhumanity.org, uwp.org, edc-online.org, netone.org e muitos outros.

Quem o promove

O Movimento dos Focolares, através do Movimento político para a unidade. Na Comissão científica/promotora estão representados: o Diálogo com a cultura contemporânea, a Escola Abbà, Universidade Sophia, Centro I. Giordani, Humanidade Nova, Jovens para um mundo unido, a Rede Universidades para a fraternidade.

Qual o objetivo

- Conhecer o Ideal da unidade na dimensão 'política', entendida em sentido amplo como participação de todos na construção da própria cidade, do próprio País, da unidade entre os povos.
- entender a política como tecido de uma rede na qual a economia, o direito, a urbanística, o social, a comunicação, o ambiente, a arte e a cultura... contribuem com uma renovação específica.
- ser cidadãos-mundo, amar o país do outro como o próprio, contribuir para a convivência e a paz, não com palavras, mas com factos. Manter vivo o sonho possível da fraternidade universal.
- Pôr já em prática estas ideias, em todo o lado, juntamente com todos os que têm o mesmo objetivo.

Como promover uma iniciativa local

- constituir uma comissão (mesmo se só com 2 ou 3 pessoas interessadas, se possível com um/a jovem)
- aprofundar com antecedência, na comissão, os textos escolhidos de Chiara Lubich
- convidar e englobar personalidades e amigos, dando-lhes esses mesmos textos e a possibilidade de os comentar (não ultrapassando 30 linhas, para se inserir também no site mppu.org)
- escolher a data e o local para uma iniciativa local (melhor seria numa sede institucional, mas também na casa de algum de nós)
- tendo como base esses textos, preparar um programa com uma dimensão local e uma mundial e inserir oportunamente o vídeo do evento
- convidar algumas das personalidades envolvidas para fazerem parte viva do programa
- sugerir sobretudo aos jovens os *social network* na página web, vendo os *videoclip* e colocando os próprios mini-vídeo feitos com os *smartphone*

Material à disposição

- para já os textos escolhidos de Chiara Lubich (para algumas línguas em www.mppu.org, outras por encomenda)
- a partir de janeiro uma página web: com um mapa sobre os eventos, material, *videoclip*, social
- no fim de fevereiro um vídeo com cerca de 20': algumas ideias de Chiara L. e experiências de todo o mundo
- no início de março: um panorama do ideal da unidade no contexto internacional

Contactos info@mppu.org 0039 06 945407210
para: comunicar a própria iniciativa, reservar o vídeo, pedir apoio, enviar notícias.

Sempre a caminho, sempre em movimento

Frescura do carisma, acompanhamento paciente, comunhão. As palavras do Papa para cada um dos Movimentos e para todos juntos.

«Um passo de maturidade» foi o desejo expresso pela Emmaus durante a conferência de imprensa de apresentação do III Congresso dos Movimentos e Novas Comunidades, promovido pelo Conselho Pontifício para os Leigos, com o tema: «A alegria do Evangelho: uma alegria missionária».

Na abertura dos trabalhos, a 20 de novembro, o cardeal Rylko, presidente do Conselho Pontifício para os Leigos promotor do evento, voltou ao Pentecostes de 1998 quando o Papa Wojtyła, «com intuito profético, indicou uma nova etapa para a vida dos novos carismas, que deveria necessariamente seguir o florescimento inicial, ou seja, a etapa da maturidade eclesial».

A assinalar, no hoje da Igreja, este novo



18 de novembro. Conferência de imprensa de apresentação do Congresso. Da esquerda: o bispo Clémens, o card. Rylko (respetivamente Secretário e Presidente do Conselho Pontifício para os Leigos), Jean Luc Moens da *Communauté l'Emmanuel*, Maria Voce

passo, foram as palavras do Papa Francisco, na audiência de 22 de novembro aos mais de 300 delegados de 100 movimentos provenientes de 40 nações.

Entre os pontos fundamentais: preservar a frescura do carisma; aceitar e acompanhar com amor paciente as pessoas do nosso tempo; não esquecer que o bem mais precioso é a comunhão. «No fundo – assim disse a Emmaus numa impressão espontânea – era esta a prenda que lhe queríamos levar: esta comunhão, e ele sublinhou-a fortemente no seu discurso, convidando-nos a desenvolvê-la, defendendo mesmo a comunhão como o selo do Espírito Santo».

«Para mim, que participava pela primeira vez num encontro deste tipo, a experiência foi verdadeiramente extraordinária – afirma Jesús Morán -. Saboreei uma comunhão especial com muitos movimentos e comunidades neste



As intervenções na sessão plenária. Entre os intervenientes, Anna Pelli, dos Focolares

kairos, o tempo de Deus formidável que vive a Igreja com a dádiva do Papa Francisco.

A este respeito, senti com uma nova força o seu apelo à conversão missionária, que interpela todos os carismas e os leva a atingir uma maturidade à altura dos tempos (deixando de parte a tentação de autoreferencialidade) e uma radicalidade ancorada na frescura do carisma».

«Perguntei-me – diz ainda a Emmaus – o que será para nós, como Movimento, este passo novo? Sem dúvida, incrementar mais esta comunhão com a Igreja, mas, exatamente porque chegámos a esta unidade profunda entre Movimentos, decerto que Deus nos pede agora para nos abriremos mais em saída, em direção aos Movimentos que pertencem a outras Igrejas, não católicas, porque também ali existem experiências muito fortes de pessoas que vivem, como nós, o Evangelho e que testemunham esta vida. Conhecê-los também a eles, abrir-se mais poderia contribuir para uma comunhão mais ampla e, porque não?, também a aproximar mais o momento da unidade de todos os cristãos».

Foram três dias que anularam diferenças e isolamentos, num crescente clima de fraternidade entre representantes de movimentos com mais de cinquenta anos de história e aqueles das novas comunidades, que há pouco tempo assumiram uma dimensão internacional.

Notável a presença dos bispos e dos sacerdotes, imersos juntamente com os leigos, num clima de escuta recíproca.

«Uma outra coisa que quero sublinhar – disse também a Emmaus – é esta: a saída em direção a uma unidade mais vital entre “pastores” e “rebanho”, [...] uma comunhão ainda mais profunda entre leigos e o clero [...] pela qual não se deveria distinguir a parte eclesial da parte leiga nos vários Movimentos e nem mesmo no conjunto».

Do Movimento dos Focolares, juntamente com a Emmaus, Jesús e Giancarlo, estava uma



© L'Osservatore Romano

Cidade do Vaticano, 22 de novembro.
A audiência com o Papa Francisco

delegação composta por Anna Faletti Pelli, Severin Schmid, Gisela Lauber e Marta Chierico.

«O compromisso assumido por Chiara no encontro memorável de Pentecostes 98, de “trabalhar para a comunhão entre Movimentos” – afirma Anna Pelli, entre os relatores do encontro – tornou-se um surpreendente tecido de vida desenvolvido com dedicação e com paixão pelas pessoas da Obra de todas as latitudes. Muitos representantes de Movimentos, que conheci pela primeira vez, falavam-me desta partilha de alegrias e dificuldades, projetos e perspectivas. A Igreja podia alegrar-se com este caminho porque havia quem o fazia avançar no propósito de construir a “igreja comunhão” em toda a parte».

«Um suplemento de eclesialidade e de empenho social» foi a exigência notada por Jesús: «Neste sentido devemos tender para um pensar verdadeiramente trinitário que qualifique com maior profundidade a nossa comunhão. Não basta mais uma das muitas e cordiais colaborações, mas viver uns nos outros, num recíproco potenciar-se e enriquecer-se, para se poder sair e carregar juntos as dores da humanidade».

Para não desiludir o desejo final do Papa Francisco: «Já trouxeram muitos frutos à Igreja e ao mundo inteiro, mas trazeis outros ainda maiores com a ajuda do Espírito Santo».

Ao cuidado de Gianna Sibelli

Outras notícias em: www.laici.va

O novo Centro da Obra

Primeiro encontro primeiras novidades

No dia 2 de dezembro reuniram-se, pela primeira vez, os conselheiros eleitos pela Assembleia Geral

O Ray já tinha vivido uma boa parte do seu dia em Manila. O seu relógio marcava 16.15. Donna, nos Estados Unidos, por seu lado, tinha prolongado o serão do dia anterior até às 2.15 da madrugada. Para o Francisco, ainda na Argentina, e a Gloria, no Brasil, tratou-se de se porem diante do computador pouco depois das cinco da manhã. Só a Juanita, de Dublino, não teve que lutar com o fuso horário ou com o despertador, para participar num encontro muito esperado.

Na terça-feira, dia 2 de dezembro às 9.15, realizou-se no Centro internacional dos Focolares, em Rocca di Papa, o primeiro encontro do novo governo eleito pela assembleia geral do Movimento, que decorreu em setembro passado em Castel Gandolfo. Um momento importante, marcado por uma novidade de aspeto técnico: foi primeiro encontro por videoconferência do organismo central dos Focolares, o assim chamado Centro da Obra.

Com a Emmaus e o copresidente Jesus, estavam na sala os conselheiros gerais dos aspetos (desde a economia à comunicação) e para as várias áreas geográficas do planeta,



além dos dois responsáveis das focolarinas e dos focolarinos.

Tanto os que chegaram poucos dias antes, como há algumas semanas, todos se concentram em receber as instruções daqueles que vão substituir. É um trabalho delicado e intenso, de tal forma que houve quem sentisse a necessidade da ajuda de um «disco externo», como o dos computadores, pela avalanche de informações e de situações que continuam a receber.

Este primeiro encontro é especial: foi possível estar lado a lado para se começar juntos.



As saudações de abertura, vindas dos cinco conselheiros ligados por skipe, tornaram o ambiente da reunião logo vivo e universal. Isso acentuou-se com a chegada da Genevieve, de África, a meio da manhã. Parecia que o mundo inteiro estava naquela sala, confirmando a forte internacionalização e representividade



manifestadas pelas consultas do Movimento no mundo e seladas pela assembleia, com a eleição de trinta conselheiros provenientes de vinte países.

«A única palavra a ter presente será: nós. É aquilo que queremos e é aquilo que todo o Movimento deseja. Construir juntos. Aqui estou eu!», exclamou a Cecilia, a última a

chegar (nove horas antes, de Buenos Aires) e antes que a Emmaus a convidasse a falar. Seguiram-se muitos contributos que exprimiam a alegria dos novos (três quartos do total), a experiência (grande pelos muitos desafios enfrentados) vivida pelos seis no segundo mandato, as sugestões de quem tinha assumido outros cargos no Centro internacional. Indicações apreciadas por todos e assumidas pela presidente, para entrar no cofre e na dinâmica do Centro.

Foi uma manhã marcada pela coralidade. A Emmaus e Jesus fizeram intervenções breves, só para dar o primeiro passo de um caminho de seis anos, dando espaço aos conselheiros. É só uma dica, que sublinha o jogo em equipa.

São sinais evidentes disto algumas priori-

dades para o trabalho dos próximos meses. Janeiro, fevereiro e março vão ser dedicados aos encontros com as secretarias internacionais dos vários ramos do Movimento, para incrementar as interajudas e as sintonias. Um objetivo bem determinado é a unidade entre os centros dos vários diálogos.

Maio e junho vão servir para reunir a vida do carisma em todo o mundo, influenciada pela experiência da assembleia. Em Trento, de 4 a 10 de maio, vai ser o retiro do Conselho geral.

Dois momentos importantes no fim do inverno: a 27 de fevereiro, o patriarca ecuménico de Constantinopla, Bartolomeo I, vai receber, no Instituto universitário Sophia (Loppiano), o doutoramento *honoris causa* em “Cultura da unidade”, e a 14 de março vai-se celebrar o sétimo aniversário da morte de Chiara Lubich.

Outras indicações: as viagens vão ser li-



mitadas ao estritamente necessário, também para favorecer a presença dos conselheiros na sede, e facilitar uma maior e constante colaboração.

No documento final da assembleia (as “Orientações”), a Emmaus deteve-se para sublinhar a necessidade de «mergulhar no texto e nos conteú-

dos, para se inspirar nos temas e datas para o nosso trabalho durante o ano». Um trabalho em equipa. São os primeiros passos. Mas já na alegria e na unidade destas primeiras horas se nota em todos o desejo de enfrentar os desafios que a Assembleia nos deixou (“de saída”, “juntos”, “devidamente preparados”) e sublinhados pelo Papa na audiência na Sala Clementina.

ao cuidado da redação



O Pacto de Unidade na Abadia de São Nilo, em Grottaferrata

Bispos de várias Igrejas

«Os discípulos reconhecem-se pelo amor»

33º encontro de bispos de várias Igrejas, amigos dos Focolares

«Existem grandes diferenças teológicas entre as nossas Igrejas, mas os discípulos reconhecem-se pelo amor. E isto é o motivo porque me sinto tão em casa aqui, entre bispos de várias Igrejas: há amor entre nós». Foi assim que um bispo luterano da Hungria resumiu o encontro, no qual participaram 39 de 8 Igrejas. Em cada ano fazemos o encontro numa nação diferente, desta vez, de 3 a 7 de novembro, foi em Castel Gandolfo.

«É um facto singular» continua o bispo luterano Krause, «que um movimento laical convida bispos, e nós vimos de muito boa vontade, para que, longe dos refletores e dos meios de comunicação, possamos encontrar-nos como irmãos em Cristo». Neste clima, a Emmaus expôs o tema do ano sobre a Eucaristia. Uma temática entre as mais espinhosas no campo ecuménico, mas a visão de Chiara é amplamente compreendida e dividida. Dos contributos dos bispos siro-ortodoxos, ortodoxos, luteranos e anglicanos emerge que, como cristãos, acreditamos todos numa presença real de Jesus naquilo que algumas Igrejas chamam Divina

Liturgia, outras Santa Ceia, ou Missa. O metropolitano romeno-ortodoxo Serafim afirma que, neste mistério da fé, «existem vários aspetos de uma única realidade, uma única realidade vivida de vários lados, e nós temos que aprender a fazer “inclusão”, não exclusão».

Interessam a todos as últimas notícias sobre o pedido de início da causa de beatificação de Chiara, há pouco requisitada pelo Movimento, para assegurar uma autêntica recepção do seu testemunho de fé e de vida evangélica. «Que significa ser santo?» pergunta-nos um bispo luterano-suíço e prossegue: «Um santo é um modelo de vida, um que sabe responder às perguntas da vida: representa qualquer coisa de bom para todos» (Åke Bonnier). E um bispo anglicano do Perú: «Se penso em Chiara, penso na Palavra de Jesus: “conhecê-los-eis pelos seus frutos” e em relação a Chiara não é preciso ir muito longe. Quando se vê o Movimento dos Focolares no mundo – que é “evangélico”, “católico”, “ortodoxo”- vê-se quem era Chiara» (William Godfrey). E o Cor-episcopus Adai da Índia acrescenta: «O que falta hoje entre os cris-

tãos e entre as Igrejas cristãs? Falta a unidade e o amor recíproco. E foi isto que Chiara trouxe, é por isso que nós estamos aqui» e, na sua opinião, bastaria isto para a santidade.

Os dias incluem a visita a Roma, ao Centro Anglicano, com as escavações recentes que descobriram a provável prisão de São Paulo, e à Igreja Luterana-alemã, onde a hospitalidade ecuménica se tornou palpável com a ceia oferecida aos Bispos.

Na antiga Abadia de São Nilo, Santa Maria em Grottaferrata, — onde os monges, desde o ano 1004, quando a Igreja estava ainda indivisa, seguem ininterruptamente o rito bizantino, — vive-se um momento denso de significado. Após as vésperas, o bispo greco-ortodoxo de Aquisgrana, Evmenios, celebrou a Artoclasia — a bênção do pão. «Foi um ato de grande confiança e coragem fazê-lo numa igreja católica» comenta mais tarde o P. Michel van Parys, o novo abade recém-chegado do mosteiro de Chevetogne (Bélgica). E neste clima do «já, mas ainda não» os bispos renovam de modo solene o «pacto» do amor recíproco, envolvendo os presentes. Irrompe a ale-

gria nos corações, que se lê nos rostos. Na distribuição do pão e do vinho abençoados, alguém fala de «um momento escatológico» e perguntamo-nos: «o que poderá ser a unidade entre os cristãos?».

A urgência do testemunho de fraternidade e de unidade entre os cristãos é mais evidente na hora mais esperada: a audiência especial com o Papa Francisco. Três bispos de várias Igrejas dirigem-lhe uma palavra de saudação, à qual o bispo de Roma responde, entre outras coisas: «Esta fraternidade é um sinal luminoso e atraente da nossa fé em Cristo ressuscitado. Se de facto pretendemos procurar, como cristãos, responder de modo incisivo às tantas problemáticas e aos dramas do nosso tempo, é preciso falar e agir como irmãos, e de tal modo que todos o possam facilmente reconhecer». E como «irmão» entre os irmãos, dirige-se para cada um para trocar uma palavra e saudá-lo pessoalmente. «Se o mistério petrino é vivi-

do como o vejo no Papa Francisco, então poderia ter chegado a hora de começar a falar de novo disso» - comenta um bispo luterano.

Numa mensagem de saudação, o card. Kurt Koch, presidente do Conselho Pontifício

para a Unidade dos Cristãos, parece resumir esta semana ecuménica entre bispos: «Se o ecumenismo espiritual é realmente a alma do programa ecuménico, o seu coração é a amizade. A amizade e o afeto permitem-nos considerar tudo [...] na maior luz possível, ajudarmo-nos a colocar os problemas no seu justo contexto e tornam-nos mais seguros da nossa própria identidade».

Helmut Sievers (Chiarama)



Cidade do Vaticano, 7 de novembro de 2014.
A audiência com o Papa Francisco



Secretaria Jovens para a unidade

Criar sinergias

O trabalho com as novas gerações: útil, cansativo, criativo

O contributo dos 101. Com esta simpática definição identificaram-se os participantes, precisamente 101, no encontro internacional das secretarias de Jovens para a unidade.

O programa estava baseado na articulação das três palavras síntese, fruto da Assembleia. Em relação a *sair*, falou-se de prosocialidade: como construir um projeto no território, partindo da comunidade e quais os indicadores para verificar se o projeto é prosocial e portanto fraterno.



O encontro com a Emmaús e Jesús foi o momento central: uma hora de diálogo onde se falou de muitos temas, que depois foram desenvolvidos ao longo do programa. Falou-se de sinergias e da sua importância. «A sinergia é para nós uma obrigação, não é uma opção – disse Jesús – é a nossa forma de fazer as coisas». A palavra, que vem do grego, «indica um trabalho útil, não um trabalho qualquer: um trabalho cansativo, com efeito, as sinergias são úteis mas também cansativas» é a ação criadora de Deus. «Basta isto para dizer quanto a sinergia é importante: é uma coisa útil, é uma coisa cansativa, mas é uma coisa criativa». Para nós, falar de sinergia



é compreender *relacionamentos trinitários*.

No programa houve vários momentos que foram fruto de sinergias já em ação: com os Jovens para um mundo unido com vista ao Run4unity (3 de maio de 2015) durante a Semana Mundo Unido; com a AMU- Educação para o Desenvolvimento e Humanidade Nova, para projetos ligados à educação; com Città Nuova para o *Teens*. Com o MPPU nasceu a ideia de organizar um percurso de formação política para jovens, que se desenvolverá durante o próximo encontro das Unidades Arcóris; também com Famílias Novas apresentámos *Up2me*, percurso de formação integral da pessoa para pré-adolescentes e adolescentes que tratará de temas como a afetividade e a sexualidade. «A *Obra* está muito contente, muito próxima deste trabalho que estamos a desenvolver juntos. - disse a Emmaús falando com uma voluntária que trabalha no projeto - (...) Claro que



a Obra vai fazer de tudo para o apoiar. Sintam-se parte da Obra que está a fazer este trabalho».

E ainda sobre temas éticos, Jesús, respondendo a quem lhe perguntou como juntar a formação humana com a espiritual, disse: «Na Sicília diz-se: "Se queres construir um barco, não chames as pessoas para o trabalho, mas procura fazê-las encantar-se pelo mar. E eles construirão o barco". Creio que devemos fazer com que o mundo se encante com o tipo de "homem que Jesus nos apresentou, dar uma visão fascinante do que quer dizer ser homem, ser mulher, amar-se e amar reciprocamente". E assim, cada um estará em condições de construir o barco da sua existência para chegar àquele mar.

No centro das perguntas, estavam também os desafios do nosso tempo: com que linguagem transmitir o Ideal aos 'nativos digitais'? Jesús lembrou que, para transmitir a mensagem de Jesus, foi necessário passar de uma cultura oral para uma cultura escrita, traduzindo do aramaico e do hebraico para o grego, língua na qual se escreveram os Evangelhos. E a língua grega veiculava também uma nova visão do mundo. Mas, se a Igreja primitiva não tivesse dado esse passo, o dogma não se teria salvo: nem o hebraico, nem o aramaico tinham os conceitos do grego. «Hoje devemos fazer o mesmo com a linguagem digital. E talvez encontremos também neste mundo coisas que nos permitam expressar melhor não só o cristianismo, mas também o Ideal».

Na conclusão do diálogo, perguntaram como fazer quando há poucas forças para as novas gerações. A Emmaús respondeu: «Se nós que estamos aqui hoje tivermos no coração o "Ut omnes", então teremos também a paixão pelos jovens, pelas novas gerações e porquê? Porque fazem

parte do ut omnes (que todos sejam um). Por isso não podemos deixar de lado as novas gerações, o ut omnes não se realiza sem elas. Mas olhando para o ut omnes, e não só para os jovens". "Assim – acrescentou – quanto mais se alarga o ut omnes, mais se alarga o Reino de Deus, e haverá mais ajudas para o fazer avançar. (...) Se não existirem as novas gerações, a Obra morre. Vejam como é importante ter as novas gerações e fazê-las desabrochar, mas é um pormenor do Reino de Deus, um pormenor daquela missão que Deus nos confiou: construir o ut omnes, contribuir para realizar o seu projeto sobre a huma-



nidade».

No dia dedicado ao *devidamente preparados*, entrevistaram Cecilia Marchisio, psicóloga, e Marurizio Biancotti, pedagogo, que, explicando algumas características da adolescências, falaram do desenvolvimento e do potencializar-se das *Life Skills*, as competências recomendadas pela Organização Mundial da Saúde, indispen-

sáveis ao adulto e ao jovem, para promover uma boa adaptação ao mundo circundante. Características aprofundadas graças à ajuda da psicologia, mas que, como a Cecilia explicou, já estão inseridas na linha pedagógica que emana do



Carisma.

Onde houver guerra Demos um ambiente de casa

★ **O calor do Natal também onde se vivem situações de conflito. No Iraque e na Jordânia realizam-se muitas iniciativas para que ninguém se sinta só ou estrangeiro.**

A situação no Iraque continua a ser de grande instabilidade política e os acontecimentos dos últimos meses, com milhares de pessoas obrigadas a abandonar as suas casas, tornaram ainda mais dramática a situação humanitária, sobretudo no norte do país. Para muitos cristãos, a esperança de poder um dia voltar para as suas casas, para a escola ou para o trabalho, vai-se desvanecendo aos poucos. Diante desta absurda situação, muitos, com grande sofrimento, decidiram deixar o país, na procura de um futuro melhor para os seus filhos. Na nossa comunidade, alguns decidiram emigrar e outros estão a ponderar fazê-lo. Mas todos, os que partem e os que ficam, experimentaram e ainda experimentam o forte apoio da Obra, espiritual e material, recebido como o cêntuplo pelos esforços quotidianos para traduzir tudo em «Deus ama-me», também no meio desta tragédia

No **Iraque** a solidariedade entre os



nossos e com quem está próximo é o ponto comum da vida de todos os dias, o modo para, juntos, sairmos de nós mesmos, sem nos fecharmos no nosso sofrimento pessoal! Com a comunhão dos bens e a providência, que continua a chegar, conseguimos suprir às necessidades de cada dia e não só, e experimentamos a consolação de sentir a proximidade real de muitos irmãos e irmãs espalhados pelo mundo. São muitas as experiências vividas e os pequenos milagres



que, como gotas de amor e esperança, desabrocham! Houve uma competição para acolher nas casas, e até mesmo no focolar, parentes e amigos, ou para procurar casas para alugar, trabalho para alguns, sem esquecer vestuário de inverno, que nenhum deles tinha. A nossa comunidade está também plenamente envolvida no esforço que a Igreja local está a fazer para assegurar alojamento, géneros de primeira necessidade, aquecimentos e outras atividades a favor dos refugiados indistintamente. Não queremos só suprir às suas necessidades, mas criar relacionamentos pessoais, por isso, as visitas contínuas às famílias são oportunidades de partilha riquíssima de bens e experiências de vida.

Agora, com a aproximação do Natal, as nossas famílias, com os jovens, os gen4 e os gen3 estão a preparar uma festa num local espaçoso para acolher muitas das famílias refugiadas.

Não queremos que lhes falte a alegria pela vinda do «Menino divino», Ele que nasceu também em condições muito precárias.



Na **Jordânia**, onde a nossa comunidade é formada por cristãos e muçulmanos, continuamos a acolher as famílias refugiadas. A Igreja local, sobretudo através da Caritas (onde muitos internos da Obra trabalham), desenvolve um trabalho notável para acolher todos da melhor maneira possível. Aqui também se viu uma competição de solidariedade e de comunhão de bens, que envolveram parentes, amigos e colegas de trabalho, numa atmosfera de gran-

de generosidade e respeito por quem perdeu tudo. Esta comunhão, juntamente com a da família da Obra no mundo, permitiu arranjar as casas de forma simples e fazer com que não falte o necessário a estas famílias, com as quais cresce o relacionamento de fraternidade e amizade. Depois, todos os dias nos alegramos com os «milagres» que acontecem: o supérfluo de uma família que cobre a necessidade de uma outra, algumas das crianças que conseguimos integrar numa escola local, ou alguém que surpreendentemente conseguiu trabalho!

São muito bonitos os momentos que vivemos juntos no Centro do Movimento, em Amman. Uma semana depois da chegada do primeiro grupo de famílias, mons. Salomone Warduni, bispo auxiliar do Patriarcado Caldeu de Bagdad (de passagem naqueles dias), celebrou ali a Missa, pedindo juntos a graça da paz. Um domingo, a Missa, seguida por um bom almoço partilhado com cerca de sessenta dos nossos iraquianos, foi celebrada por um sacerdote jordano da Igreja Greco-Católica. Uma criança, sentindo a atmosfera de família, disse que lhe parecia estar na sua aldeia nativa no Iraque!

Os e as gen4 fizeram uma pequena festa no dia de São Martinho, convidando as crianças iraquianas a participar na representação: um momento de grande alegria! No fim, uma surpresa: as famílias iraquianas presentes escolheram, de entre o vestuário que tínhamos recolhido, as roupas mais apropriadas para os seus filhos e para elas. Saíram carregadas de coisas e com o coração cheio, pelo amor recebido, mas também oferecido!

A família da Obra está a preparar-se para que, no Natal, haja um momento de festa para estas famílias. Já há algumas iniciativas. No dia 25 de dezembro viveremos junto com eles a alegria de Jesus que nasce, com a Missa, seguida do almoço no Centro do Movimento, que já é a sua casa.

Rita Moussallem, Alvaro Pires



A esperança renasce da fidelidade ao Evangelho

Há cerca de dois anos que a vida cotidiana em Bangui, e na maior parte do território da República da África Central, se desenrola entre afazeres, diríamos normais – trabalho, escola, mercados, trânsito – e... afazeres de guerra, combates armados e insegurança com perseguições e fortes tensões entre muçulmanos e cristãos

A comunidade do Movimento, apesar das muitas dificuldades – muitos ainda não podem voltar para os próprios bairros e casas, outros perderam pessoas queridas e bens – continua a manter firme a confiança no amor de Deus. Ao longo destes meses floresceram novas atividades, entre as quais uma transmissão na rádio diocesana, através da qual comunicamos a Palavra de vida com experiências, pela convicção que só a vida da Palavra pode trazer também soluções no plano político e social.

A Zita conta-nos: «Naquela noite, todos deveriam deixar a própria casa porque tinham anunciado vinganças. O bairro esvaziou-se de repente. Nós não sabíamos para onde ir e decidimos ficar escondidos, a rezar. À nossa volta o barulho das armas, numerosos mortos, uma situação terrível. Muitas crianças, filhas dos vizinhos fugiam sem saber para onde ir, pela ausência dos pais: levei-as todas para a nossa casa. Durante várias horas ficámos fechados num quartinho sem fazer barulho, rezando o terço muito baixinho, porque as crianças tinham medo e havia quem chorasse. Quando tudo voltou à calma ouvi outras crianças dos

vizinhos a gritar. A mãe deles tinha saído para procurar qualquer coisa para comer. Apesar do medo fui. Quando lá cheguei vi uma criança no chão que perdia muito sangue: estava a brincar às guerras com um irmão, imaginando o que acontecia fora, e este atingiu-o a sério. Ainda não sei como fiz mas consegui fazer parar a hemorragia com ervas.

No dia seguinte disparavam muito perto de nós. A um certo ponto ouvi, mesmo diante da casa, um rapaz que, com um fio de voz, pedia ajuda. Pareceu-me o grito de Jesus Abandonado. Tinha sido atingido gravemente por uma bala no abdómen. Todos me pediam para não sair, mas não podia deixar de o socorrer: o Ideal da unidade nasceu durante a guerra e Deus e Chiara ajudam-nos a viver como naqueles tempos... eu já não tenho medo de dar a minha vida, de dá-la mesmo, concretamente».

Patrick. «À medida que a situação melhorava, todos os refugiados que tínhamos hospedado voltavam para as suas casas. Mas depois de novos ataques, acolhemos uma família de parentes, muçulmanos. Tínhamos uma certa dúvida em o fazer – e se os descobrem, o que



é que vai acontecer? – mas também as nossas crianças ficaram contentes e confiámo-nos a Deus. Notámos que a nossa irmã muçulmana rezava muitas vezes ao dia, sozinha, mas não dizia as orações habituais, pedia sobretudo o dom da paz; e um dia propus a todos de rezarmos juntos. Estavam de acordo. Pensei que, quando fosse a vez deles de rezar, iriam dizer as próprias orações, mas afinal rezámos simplesmente pedindo muitas coisas a Deus: a paz, a unidade. É bom viver com eles, fazer experiências em família com harmonia entre nós, muçulmanos e cristãos».

Chancella, de 15 anos confia-nos: «Depois da morte do meu pai, o meu irmão mais velho, que sustentava a família, foi assassinado e a minha mãe foi ferida. Já nada tinha sentido, nem sequer Deus. Porque nos tinha abandonado? Fechei-me em mim mesma, deixei de frequentar o Movimento e até de estudar. Devido às feridas, a minha mãe piorou e por causa dos combates não foi possível levá-la a tempo para o hospital. Antes de morrer pegou-me na mão, pô-la sobre o seu peito e, chorando, disse-me: “Trata de ti e da tua irmãzinha e Deus cuidará de vocês”. Esta frase volta-me sempre à cabeça. Sim,

Deus existe, mesmo que tenhamos de sofrer até morrermos todos, Deus existe. Depois um dia, uma luz: o Ideal de Chiara! Tinha aprendido, nos encontros gen3, que Deus é Amor, é Pai, é misericórdia, é providência...por isso ama-me ainda. Mesmo tendo ficado só três: o meu segundo irmão, a minha irmãzinha e eu, nada nos falta. Veio uma tia para estar uns dias connosco. Cada noite, o meu irmão volta do mercado onde vende pequenas coisas, com algo de comer: é pouco, mas penso naqueles que nem isso têm. Não tenho mais ninguém da família que trate de mim, agora devo ser eu a crescer. Depois...voltei ao focolar, retomei a vida com as gen3».

Clément: «Tínhamos já começado a escola no início de outubro, preparando-nos para receber as crianças, mas eis senão quando a situação, que parecia calma, muda. Todos têm que fugir, de novo, e voltar para os campos de refugiados. Enchi-me de coragem e dei a volta pelas casas dos meus alunos. Havia desencorajamento não só nos pais, mas também nas crianças, que ficariam felizes por voltar finalmente à escola. Apesar de se continuar a disparar, fui visitá-los outras vezes, porque o amor faz-nos ir para além do medo e continuar a vida. Assim, desde 20 de outubro, que timidamente começaram a chegar à escola os primeiros meninos e, aos poucos, voltaram todos, com a confiança de que alguma coisa pode mudar.

Monica Padovani



Nova configuração

Conselhos para a Itália

Representantes das sete Zonas italianas actuais encontraram-se em Castel Gandolfo para uma etapa importante para a nova configuração que prevê a constituição de uma única Zona

O encontro era muito esperado e tinha havido uma certa preparação por parte das Zonas, na elaboração de propostas, e na escolha de representantes que nele iriam participar, sendo alguns dos atuais Conselhos de Zona, e outros não. Nos dois dias (22-23 de novembro) de trabalho muito intenso, «anticipação» da futura Zona, os cerca de 130 participantes fizeram a experiência de um laboratório de unidade segundo uma «fidelidade criativa».

Os trabalhos iniciaram com a mensagem da Emmaus, que muitos definiram como programática para a Obra hoje (ver ao lado). No primeiro dia todos trabalharam em doze grupos sobre quatro temáticas: Constituição e função das Lauretanas; Constituição e função do Conselho de Zona; Relacionamento entre Zona-regiões, Zona/Regiões-Centros.

No dia seguinte trabalhou-se em sessão plenária à volta das quatro sínteses elaboradas no fim do dia anterior. De uma forma geral, pode-se dizer que houve uma participação muito ativa. Nos grupos, muitas vezes partia-se de ideias bastante divergentes e, ao longo do dia, em muitos pontos chegava-se a uma síntese que abrangia as várias opiniões e sen-



sibilidades. Noutros pontos vai ser necessária uma maior reflexão. Há realidades complexas: cerca de 20 regiões difundidas no território nacional, com um número elevado de internos (seis mil voluntários e 1500 focolarinas e focolarinos casados, só para dar um exemplo).

Havia em todos um desejo comum de partir com uma fase experimental, prontos a corrigir o rumo, à medida que se prossegue, sem medo de errar, mas tendo no coração a intenção de viver pelo país. Mesmo se, nos dois dias, não se conseguiu abordar diretamente assuntos como, por exemplo, o Projeto Itália, Città Nuova, o Movimento político para a unidade, estes eram horizontes de referência «natural», para uma Obra que se quer movimentar





«Em saída», «Juntos» e «Devidamente preparados». Chegou-se até a calendarizar algumas das próximas etapas que levarão à constituição da nova Zona, nos próximos meses.

Aurora Nicosia

A mensagem da Emmaus Um horizonte com os limites do «*Ut Omnes*»

Caríssimas e caríssimos,

enquanto vocês estão reunidos para olhar, com um amor renovado e à luz de Jesus no meio, a «nova» Zona da Itália, que se prevê ser para breve, eu estou em Roma para participar no Encontro dos Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades, promovido pelo Conselho Pontifício para os Leigos, sob o tema: «A alegria do Evangelho: uma alegria missionária...».

Será uma coincidência casual? Quero pensar antes numa daquelas sinergias da imaginação do amor de Deus: isto obriga-me a dar testemunho da alegria que nasce do Evangelho e a vocês todos a experimentá-la realmente e profundamente durante o vosso encontro.

Para me preparar reli e meditei o Capítulo I da *Evangelii Gaudium*, redescobrinho ali novos estímulos para encarnar e actualizar o nosso carisma.

Chamou-me a atenção o n. 29, onde se

fala dos Movimentos como: «...uma riqueza da Igreja que o Espírito Santo suscita para evangelizar todos os ambientes e sectores. Muitas vezes trazem um novo fervor evangelizador e uma capacidade de diálogo com o mundo e com a Igreja».

Mas, mais ainda o n. 20, que analisa o «dinamismo de saída» que Deus quer provocar em todos e que leva cada cristão a discernir sobre «qual possa ser o caminho que o Senhor pede» e a «sair do próprio comodismo e ter a coragem de chegar a todas as periferias que precisam da luz do Evangelho».

É este o horizonte – cujos limites são o «*ut omnes*» – que necessita de todos os esforços de fidelidade e de novidade para sermos livres como só Deus nos pode fazer, e para que sejam «*novas todas as coisas*» como só Ele sabe fazer. Foram muito importantes também os números 26 e 27 sobre as novas estruturas, onde se lê: «*Há estruturas eclesiais que podem chegar a condicionar um dinamismo evangelizador; da mesma forma, as boas estruturas servem quando há uma vida que as anima, as apoia e as avalia. Sem uma vida nova e um espírito evangélico autêntico, sem “fidelidade da Igreja à própria vocação”, qualquer estrutura, mesmo se nova, corrompe-se em pouco tempo*».

E o Papa Francisco continua: «*Sonho com uma escolha missionária que seja capaz de transformar todas as coisas, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e todas as estruturas eclesiais se tornem um canal adequado para a evangelização do mundo actual [...]*». É isto o que



Deus espera também de nós.

Ao refletir sobre quantos e quais colaboradores juntar aos dois novos Delegados da Obra para a Itália (focolarinos/as ou outros) vai ser preciso ter presente que saibam fazer eco e caixa de ressonância de toda a vida que existe e que continua a florescer nas inúmeras respostas de amor, por parte de todos aqueles que vivem o nosso Ideal, para ir ao encontro das necessidades das várias periferias em que estão imersos.

É importante que estes colaboradores tenham consciência disto e saibam partilhar, encorajar, alimentar, ligar, fazendo-se guiar por um único critério: que todas as atividades são úteis para fazer avançar, mesmo se com pequenos passos, o caminho para a unidade.

Renovo o Pacto convosco, em Jesus Eucaristia, para que nos faça realizar plenamente o plano de Deus sobre a Obra, contemplado por Chiara no Paraíso de '49. Que ela, do Céu, nos sorria e nos guie sempre.

Saudo-vos a todos, um por um!

Emmaus

EM DIÁLOGO



Projetos concretos com vista ao nascimento do Instituto Universitário Sofia na América Latina, com a conotação típica desta região

«Colocamo-nos na escola da Sabedoria, prontos a deixar-nos surpreender por aquilo que o Espírito de Deus pode realizar nestes dias». Foram estas as expressões iniciais de Piero Coda, Presidente do Instituto Universitário Sofia, na abertura do encontro que se realizou de 31 de outubro a 2 de novembro passado no Brasil, na Mariápolis Ginetta. Os participantes eram pouco mais de 50: professores universitários, ex estudantes de Sofia, e outros atores sociais provenientes de todo o Brasil.

E, realmente, o Espírito Santo surpreendeu! O motivo do encontro era refletir juntos para indivi-

dualizar modos e possibilidades da presença de Sofia na América Latina. Aconteceu muito mais! Surgiram projetos concretos com vista ao nascimento do Instituto Universitário no continente, com as conotações típicas desta região. Foi o que



Na Mariápolis Ginetta

O projeto cultural de Chiara e a América Latina

Chiara tinha profetizado ainda antes que Sofia tivesse iniciado em Loppiano: seria multiplicada no mundo. Mais, desde 1999, a pedido da própria Chiara, Ginetta tinha adquirido um terreno confinante com a Mariápolis, exatamente com este destino!

As próximas etapas? Dos trabalhos de grupo saíram propostas concretas que serão apre-



sentadas ao Centro da Obra: constituição de um grupo de estudos formado por especialistas locais e que deverá apresentar, dentro de um ano, um plano detalhado de ações; setembro de 2015, em Caruaru (Nordeste do Brasil), momento de formação para os professores; 2016 Escola de verão de Sofia para todo o continente.

O encontro tinha levado todos a «refletir e reviver a inspiração de Sophia, nascida no

Paraíso 49», com a intervenção de Piero Coda, que traçou a história de Sofia e a gravação direta de Chiara, do discurso programático da fundação de 2011. Depois quis-se «*olhar para a história passada e presente do continente Latino Americano com os seus desafios*» com o apreciado contributo de Maria Clara Bingemer, notável teóloga da Universidade Pontifícia Católica do Rio de Janeiro e a análise das situações socio-culturais do continente, apresentada pelo politólogo Juan Esteban, focolarino casado argentino. Preciosa a apresentação de experiências em ato no Brasil, a nível universitário no campo da pesquisa em epistemologia social, em pedagogia e, com a madura experiência da faculdade Asces, em Caruaru.

O último dia assinalou um novo passo: uma conversão do intelecto pondo de lado esquemas primariamente humanos e riquezas culturais das próprias áreas de proveniência, para se deixar abrir ao novo. Seguiu-se uma profundíssima comunhão.

Desde o início que se notava uma plena sintonia com as linhas de orientação indicadas pela Assembleia Geral e pelo Papa Francisco: *contemplar*, em fidelidade às inspirações de Chiara, *sair* para oferecer o contributo cultural do carisma no atual momento de mudança de época, *formando*. Foi geral a comoção ao assistir à ação de Deus, ao seu demolir e construir, chamar e iluminar as vias a percorrer.

Carla Cotignoli, Fernando Gregianin Testa

Ecumenismo

Vencer o medo do encontro

A experiência de uma focolarina que participa na Consulta entre o Conselho Pontifício para a Promoção da Unidade dos Cristãos e a World Evangelical Alliance - WEA

Desde 2009 que participo na Consulta, com representantes da Aliança Evangélica Mundial. De facto, o Conselho Pontifício para a Unidade dos Cristãos tinha pedido a disponibilidade de uma pessoa da América Latina, e o Centro Uno fez-me essa proposta. Senti logo uma grande alegria por poder prestar este serviço à Igreja, mas também o receio pela tarefa a realizar. As Palavras do Evangelho: «Não temai, pequeno rebanho [...]» (Lc 12,32) acompanham-me desde essa altura.

Pensava que ia participar só naquela vez – porque o evento se realizava no meu país, o Brasil –, mas, afinal, ainda continuo a fazer parte da Comissão. Encontramo-nos uma vez por ano e já estivemos em cinco países; o último encontro foi em Bad Blankenburg, na Alemanha, de 31 de agosto a 8 de setembro passado.

É uma experiência que me tem marcado. Com estas linhas, gostaria de a partilhar convosco.

Uma primeira surpresa teve a ver com a identidade dos interlocutores: pensava que se trataria de um diálogo entre católicos e evangélicos e por isso estava contente por ir encontrar os meus amigos luteranos. Sendo do sul do Brasil, tenho contactos a nível local com alguns deles. Mas, ao chegar, encontrei um grupo muito variado – cinco católicos e oito evangélicos – não só porque eram provenientes de

países e culturas diferentes, mas sobretudo porque não se tratava de um diálogo entre católicos e luteranos, mas entre católicos e membros de um movimento pertencente ao mundo protestante: os *Evangelicals* (nalguns países chamam-se «evangélicos», noutros «evangelicais»).

Era um meio totalmente desconhecido para mim, o que fazer? Procurei fazer-me um, para mim era claro o conceito de movimento, e para eles? Explicaram-me que eram um movimento de despertar, missionário, e de renovação. Conheci pessoas que amam realmente a Deus!

Dei-me conta que as muitas dificuldades nos relacionamentos podem gerar preconceitos e juízos. Não nos conhecemos, e, nalguns países vemos-nos como inimigos.

Nos debates, a Consulta tinha presente esta situação. Entre os católicos havia bispos, sacerdotes e uma leiga. Trabalhando em conjunto, reunimo-nos como um único corpo. Experimentei que a Igreja Católica faz avançar o diálogo em unidade, em comunhão total, na sua rica diversidade.

Nos encontros, os responsáveis de ambas as partes encorajaram-nos a identificar os desafios e a descobrir as riquezas das nossas tradições. Às vezes é difícil perceber, porque existe medo. Temos grandes divergências quanto ao papel da Igreja no plano da salvação; mas dividimos tudo o que tem a ver com a Sagrada Escritura e muitos

valores e contributos cristãos sobre questões éticas.

Não faltaram tensões sérias, mas procurámos enfrentá-las – à luz do pedido de Jesus para a unidade – com honestidade, amor e na verdade. Pessoalmente ajudaram-me as palavras de Chiara na Igreja de Sant'Anna em Augsburg: «O trabalho ecuménico será realmente fecundo na proporção em que, aqueles que o fazem, vejam em Cristo crucificado e abandonado a chave para compreender cada desunidade e para recompôr a unidade. Quem fizer assim, encontra Nele a luz e a força para não parar no trauma, no abismo da divisão, mas para os ultrapassar e encontrar uma solução» .

Era a única mulher no grupo, mas o meu papel como leiga e mulher foi reconhecido, apreciado e aceite. A nível teológico tive de trabalhar imenso, estudar para compreender melhor e poder dar um contributo. Tive ocasião de apreciar as discussões académicas, quando estão impregnadas de amor pela Igreja de Cristo, quando a fidelidade às respetivas tradições é res-

peitada e valorizada. Como católicos, por exemplo, participámos na Missa todos os dias, abandonámo-nos em Deus e pedimos-Lhe que nos ajudasse no diálogo. Um evangélico afirmou ter compreendido, por este nosso «hábito», o valor da Eucaristia.

E como membro do Movimento dos Focolares? Existem possibilidades para um diálogo da vida entre o nosso movimento e o movimento evangélico? Claro que sim. Temos elementos comuns que podemos partilhar, como a vida da Palavra, a partilha das experiências, o valor da família na nossa sociedade, o respeito pela vida. O Papa Francisco nestes últimos tempos deu um novo impulso ao diálogo com os evangélicos, dada a sua experiência e amizade pessoal com eles. Compete a nós potenciar este momento, encontrando novas oportunidades de encontro a nível local. Isto vai-nos ajudar a experimentar a beleza de sermos irmãos e irmãs em Cristo.

Beatriz Sarkis

- 1 <http://www.worldevangelicals.org>
- 2 Chiara Lubich na Chiesa de S. Anna, Oração ecuménica para o Advento, 29 de novembro de 1998 em Augsburg, Alemanha



O grupo que participou no encontro em Bad Blakenburg, este ano.

Telegramas da Emmaus sobre focolarinos/as que foram recentemente para a Mariápolis Celeste e alguns 'perfis' provenientes das zonas :

Maria Antonia Fancello (Emanuela)

«Caminhai na luz»

A Maria Antonia, focolarina da Mariápolis Romana, mais conhecida por Emanuela - nome que lhe foi dado por Chiara - partiu para o Céu, no dia 16 de novembro. O

funeral teve lugar no Centro da Obra com a presença da sua irmã Aurora, também ela focolarina, de um irmão e de muitos familiares da Sardenha, de Roma, da Calábria e da Suíça. Numa sala superlotada de pessoas do Movimento e de pessoas que a conheciam, viveu-se um momento de comunhão intensa com a Mariápolis celeste. A Emanuela nasceu em 1932 em Dorgali (Nuoro), na Sardenha, numa família cristã, unida e marcada pelo sofrimento. A mãe faleceu com apenas 50 anos e deixou cinco filhos, a mais pequena com dez anos. A Emanuela tinha só quinze anos e percebeu que não devia pensar no seu sofrimento, mas em fazer sua a dor do pai, dos irmãos e da irmã. Deste modo, foi desenvolvendo a dedicação e o serviço aos outros, a sensibilidade por quem sofre, o amor atento e cuidadoso para com todos, que sempre a caracterizaram.

Desde muito pequena fez parte da Ação Católica, o que fez com que recebesse uma sólida formação religiosa e de abertura aos outros. Em 1958, a Aurora conheceu o Movimento através do pároco, que tinha convidado alguns dos primeiros focolarinos: Dori Zamboni, Guido Mirti (Cengia) e Gabri Fallacara, para falarem desta vida evangélica aos jovens da Ação Católica. A Emanuela ficou fascinada e, com a irmã e outros jovens, começou a viver o Ideal. Formaram um primeiro grupo que se tornou semente para o desenvolvimento futuro de toda a região, a que se seguiu a abertura dos focolares de Sassari. Pouco depois nasceram várias vocações ao focolar e a



Emanuela, apesar de não poder responder de imediato ao chamamento, por ter de se dedicar ao pai que necessitava de alguns cuidados, sentiu que Deus a preparava para O seguir nesta estrada.

Em 1968 foi para a Escola de formação, em Loppiano. Em toda a sua vida de focolar prestou,

com uma grande caridade, preciosos serviços à Obra, também como enfermeira. Num período passado em Roma devido ao seu trabalho, em 1977, escreveu a Chiara: «Acontece que às vezes entro em alguma igreja. Quando estou diante de Jesus Eucaristia vejo-me como num espelho, sem me olhar; vejo o pó que pousou na minha alma. Mas Ele é a resposta: "Estou aqui por ti!" E de repente sinto-me lavada, nova, e saio feliz». Em 1981, depois de ter ouvido Chiara falar sobre a unidade, escreveu-lhe: «Quando nos falavas, era como se um fogo entrasse na minha alma e destruísse tudo o que não era amor...».

Em 2009, depois de se ter dado toda aos outros, foi ela a precisar de ajuda. Devido ao seu estado de saúde, foi necessário que se mudasse para a Casa Verde de Grottaferrata, um focolar onde é possível ter cuidados contínuos. Muitas são as virtudes que vêm em relevo na Emanuela: permanecia serena e suportava muito bem as dores físicas sem se lamentar. Aliás, conseguiu criar um clima de alegria, sempre pronta a pôr em comum os seus talentos. Reconhecia em tudo o amor de Deus.

A sua Palavra de vida é: «Enquanto tendes a luz, crede na Luz, para vos tornardes filhos da Luz» (Jo 12,36). E, com o seu sorriso, testemunhou-a até ao fim.

Agradecemos os frutos da sua vida doada a Deus e à humanidade, e pedimos ao Pai que as alegrias e os sofrimentos oferecidos pela Emanuela contribuam para o crescimento do Seu Reino.

Giulio Maria Sarrugero

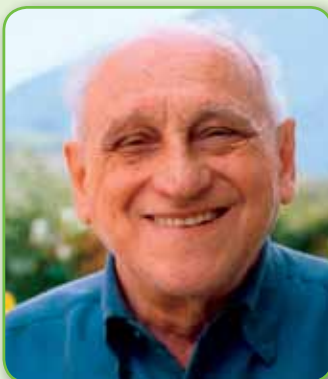
A «santidade por amor»

O Giulio, focolarino da Mariápolis Ginetta (Brasil), voltou para a Casa do Pai no dia 12 de Novembro, acompanhado pelo amor dos focolarinos.

Nasceu em Melzo (Milão), em 1925, último de oito irmãos de uma bela família cristã. No início da segunda guerra mundial foi chamado a combater. Poucos meses depois, conseguiu fugir porque não concordava com a loucura da guerra. Nestas circunstâncias, percebeu que devia gastar a vida pela paz entre os homens, doando-se a Deus de qualquer modo. Acabada a guerra, tornou-se sindicalista e participou ativamente na paróquia. No entanto, continuava insatisfeito.

Em 1953, conheceu o Movimento e ficou fascinado pela possibilidade de viver sempre o Evangelho. No ano seguinte, na Mariápolis de Vigo di Fassa, encontrou a sua estrada: consagrar-se a Deus como focolarino. Em 1963 participou na Escola de Formação em Grottaferrata e em 1964 chegou ao focolar de Turim.

Dois anos depois, partiu para o Recife e iniciou a sua longa aventura no Brasil. Aprendeu uma nova língua, adaptou-se a novos costumes e conheceu um povo novo. Em contacto com a extrema pobreza de certas «periferias» o Giulio viu o quanto o Evangelho contém a verdadeira revolução. E, para responder ao pedido de um Bispo, aceitou ir com outro focolarino para a ilha de Marajó, na foz do rio Amazonas, para apoiar uma obra social, vivendo no meio de gente simples e da natureza exuberante. Em 1970, Deus pediu-lhe para se mudar para a «floresta dos arranha-céus» de S. Paulo e daí levou o Ideal também aos Estados de Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Nesta altura Chiara deu-lhe uma Palavra de vida: «Estote parati (Estai preparados)» (cf. Mt 24,44). Alguns anos depois, o Giulio



escreveu-lhe: «Meditando sobre o Collegamento, em que nos impulsionas para a “santidade por amor”, percebi que o “Estote parati” me fixa na vontade de Deus e, se a vivo bem em cada momento, a santidade por amor é uma consequência lógica». Chiara respondeu-lhe e deu-lhe um nome novo: Giulio Maria,

para ser «todo Seu, instrumento vivíssimo para a realização do Seu Magnificat».

Em 1974 voltou para Recife. Depois de ter ultrapassado um período difícil, escreveu a Chiara: «Aquilo que me espanta é a dimensão nova com que vivo o Ideal... Primeiro, Jesus Abandonado, em todos os seus mil rostos, era muitas vezes difícil de aceitar (e muitas vezes eu fugia)... e ainda mais difícil era fazer-lhe festa; agora... é normal, diria mesmo natural. Uma outra realidade esplêndida é o facto de ter descoberto, de um modo novo, a beleza e a eficácia da vida trinitária, da vida de unidade».

Nove anos depois foi para a Mariápolis Ginetta, onde permaneceu mais de 31 anos, trabalhando para o seu desenvolvimento. Foi artífice e testemunha de conversões, mudanças de vida e milagres ocorridos na história desta Cidadela. Muita gente o recorda sobretudo como um dos pilares da Editora Cidade Nova. São famosas as suas poesias, textos impregnados de perspicácia e de sabedoria, com um grande humor que, muitas vezes, recitava por ocasião da celebração de algum aniversário. Dotado de talentos artísticos, preparou muitos Mariapolitais.

Com o passar dos anos, a saúde foi faltando. Em 1999 escreveu a Chiara: «Tenho algo de precioso para oferecer pela Obra, quer no Brasil quer no mundo inteiro». Embora as limitações não lhe permitissem fazer muitas coisas, a sua presença no focolar era sempre motivo de alegria.

Agradecendo ao Giulio o seu exemplo de vida, toda vivida pelo «Ut omnes», rezamos por ele.

Assunta Sorgi

«*Confio totalmente em Jesus*»

No dia 27 de novembro partiu para o Céu, aos 93 anos de idade, a Assunta, focolarina casada, mulher de Tommaso Sorgi.

Uma igreja superlotada e em profundo recolhimento, despediu-se dela em Teramo, expressando a gratidão pelo tesouro que foi para muita gente.



A Assunta nasceu numa bela família de Teramo e, aos dois anos, perdeu a mãe. Sobre a sua infância escreveu a Chiara: «Ao morrer de-me a mão e disse-me: “Eu parto, mas fica contigo a mãe do céu”. Tive sempre um amor especial por Maria, mas tu, com o Ideal, fizeste-me descobrir que Ela é minha mãe também aqui em baixo: tenho uma só mãe sobre a Terra». Com 25 anos casou-se com Tommaso, com o objetivo de construir uma sólida família cristã. Têm quatro filhos: Pino, Magda, (voluntária), Gabriella (focolarina casada), e Chiara.

Em 1956, Tommaso conheceu o Ideal.

A Assunta, embora não tendo aderido de imediato a este novo espírito que muitas vezes «lhe levava o marido, já muito sobrecarregado como deputado em Roma, e depois também as filhas», recebeu sempre em sua casa, com muita generosidade, os focolarinos e as focolarinas que, de Roma, iam a Teramo. A sua verdadeira decisão aconteceu em 1974 num encontro de Famílias Novas: naqueles dias tinha sentido Jesus vivo no seu coração e tinha percebido que devia dizer isso a Tomaso. Não era fácil por causa da sua natureza reservada, mas isto significava a mudança de uma espiritualidade individual para uma espiritualidade coletiva. Com Tomaso, participou numa escola de focolarinos casados em Loppiano. Desde então empenhou-se com generosidade a viver e a difundir a espiritualidade do Movimento, seguindo as famílias e a comunidade de Teramo, que começava a nascer. A casa deles estava sempre aberta para qualquer pessoa, que a Assunta recebia com muita dignidade.

Deu sempre a vida para construir Jesus no

meio no focolar: foi esta a sua prioridade absoluta.

Tinha uma grande misericórdia e sabia tornar-se amiga dos filhos nas várias fases do seu crescimento. Em 1985, a Assunta e o Tomaso, mudaram-se, a pedido de Chiara, para Grottaferrata, onde ficaram durante 25

anos, até junho de 2010. Pouco antes de deixar Teramo, a Assunta escreveu a Chiara: «Agora que, na realidade, se aproxima a partida, sinto o quanto sou pequena, incapaz de enfrentar tudo o que significa esta mudança. Mas o que me dá paz é a escolha que Jesus, através de ti, fez de mim. E a Ele confio-me plenamente... Crescendo um pouco no Ideal, sinto que tudo o que possuo é consequência da Obra de Deus: é através da Sua graça, quer para as coisas que levo comigo, quer pelo mundo que vou deixar: filhos, netos, lugares e também a comunidade que procurei seguir durante estes anos com muito amor». A Assunta prosseguiu com perseverança a Santa Viagem enfrentando também as inevitáveis provações da vida:

«...Diante das enormes graças com aquais o Seu Amor me cobre, sinto-me verdadeiramente um servo inútil e infiel. Mas o que importa é aceitar-me, mesmo se a bagagem das imperfeições me pesa a ponto de me tirar a coragem de arriscar. E toma força e luz a grande realidade que procuramos guardar dentro de nós: Jesus Abandonado».

Em 2010, quando, por motivos de saúde, se pensou que Tommaso e Assunta se mudassem de novo para Teramo, o facto de deixarem o Centro da Obra e a Mariápolis Romana foi para eles uma dor que só o amor à Desolada e o afeto pelos filhos e pela comunidade atenuou. Para o focolar de Pescara, a presença de Assunta foi uma dádiva de sabedoria, de essencialidade e doação radical. Nem sempre podia estar presente: «Querida muito ir ao focolar, mas a saúde está cada vez mais frágil. Isto para mim é um sofrimento, mas é também uma graça porque sinto que estes desapegos que vivo na Terra me preparam para o Paraíso».

Muitas faculdades ficaram debilitadas, mas

permaneceram indestrutíveis o amor pelo Ideal, a caridade para com todos e ainda mais para com Tomaso. Muitas vezes a ouvimos repetir com simplicidade e sinceridade: «Tomaso é Jesus, eu sou Jesus, entre nós está Jesus».

Em 1999, escreveu a Chiara: «Rezando a Avé Maria (o fruto do teu ventre) senti-me como um pequeno tabernáculo, com Ele dentro de mim. Também o momento presente tinha um sabor novo: momento de Deus, momento de vida que não voltava mais, graça a colher totalmente ali, a não deixar passar em vão». Parece-nos que a Assunta pôs em prática plenamente a sua Palavra de vida: «Eu neles e Tu em mim, para que eles cheguem à perfeição da unidade e assim o mundo reconheça que Tu me enviaste» (Jo 17,23).

Egidio Sorgi

Jesus no meio no focolar, na família e na comunidade local... com um amor apaixonado por Jesus Abandonado: aquele nada de Amor que também eu quero repetir com a minha vida, para ser intermediária entre Deus e todas as almas que passam e passarem ao meu lado».

Do perfil lido no funeral:

A própria Anna Maria escreveu: «Num domingo, há muitos anos, fui a Loppiano, cidadela do Movimento dos Focolares, sem saber o que ali iria encontrar. Não sabia que naquele dia a minha vida iria sofrer uma reviravolta decisiva. Estava casada, e muito feliz, com Andrea, tínhamos os mesmos princípios religiosos, queríamos ter muitos filhos, ele era empresário industrial de mármore, por isso esperava-nos uma vida boa, cómoda e até rica.

Mas aquele dia em Loppiano desfez em pedaços todas as minhas expectativas humanas e, graças a Deus, escancarou-se diante de mim

uma vida que achava, e continuo ainda a achar, estupenda. Entre as muitas coisas que vi e senti tocou-me de modo particular o “fazer-se um”, o viver o amor recíproco. Quando regresssei a casa estava emocionada e disse para mim própria: “Se conseguir transmitir às pessoas que estão à minha volta esta vida, será uma reação em cadeia” e assim foi.

Também com Andrea (também ele focolarino n.d.r.) começou uma nova vida de casal, o “fazer-se um” tornou-se recíproco e a nossa unidade de esposos foi um crescendo que nos permitiu abrimo-nos cada vez mais aos outros. Não tive tempo de me tornar uma dona de casa deprimida ou uma mãe angustiada pelos problemas dos filhos (foram quatro), porque, ao procurar fazer-me um com todos, isso levou-me a viver e a enriquecer-me de muitas realidades, das mais variadas. Esforcei-me sempre por viver bem o momento presente, amando uma pessoa de cada vez e, neste meu silêncio interior, algumas delas contaram-me realidades muito íntimas e delicadas: muitas procuravam-me para me falar,

Anna Maria Bondielli

«Fazer-se um» até ao último

A Anna Maria, focolarina casada de Florença, voltou para a Casa do Pai no dia 26 de outubro, aos 71 anos de idade.

Consegui escrever-lhe três dias antes do agravamento da sua doença, agradecendo-lhe pela sua fidelidade ao Ideal, por tudo quanto deu e por quanto estava ainda a oferecer pela Obra e pela nossa Assembleia geral. O exemplo de vida evangélica que «la» - como todos familiarmente a chamavam - deixou em Massa, a sua cidade, foi muito bem relatado num artigo publicado sobre ela, no jornal diário *La Nazione*. A profundidade da sua relação com Deus e do seu empenho na Santa Viagem sobressaía nas cartas escritas, ao longo do tempo, a Chiara. Transcrevemos dois excertos. Em 1976, depois de ter ouvido Chiara falar de Jesus Eucaristia, confiou-lhe: «Tocou-me muitíssimo que alimentando-nos d’Ele, nos tornamos “Eucaristia” para os outros; isto dá vertigens». E em 1997, na conclusão de um encontro em Castel Gandolfo: «Parto para ir construir cada vez mais



dizendo-me que não se sentiam julgadas, mas sim compreendias.

Este procurar fazer-me um não foi sempre fácil ou sem prejuízos: queimei muitas panelas, aprendi a fazer almoços relâmpago, a exercitar a virtude da paciência e da calma, que não fazem parte da minha maneira de ser.

Mas tudo isto, juntamente com Andrea e outras pessoas que foram atraídas por esta vida, desencadeou aquela reação em cadeia que em Loppiano tinha previsto, e vimos nascer uma comunidade na qual as experiências, as forças, a coragem se multiplicaram, mas enfrentámos também muitas situações difíceis. Com o crescimento da comunidade, aumentava a comunhão de bens.

Não podíamos resolver todas as situações mas procurávamos — juntamente com a roupa, o calçado e alguma mobília — transmitir a nossa experiência, que era sentirmo-nos irmãos de todos. Conseguíamos quase sempre criar um clima

de fraternidade e viver experiências muito belas».

Anos depois, a Anna Maria sentiu que devia dar-se a Deus como focolarina casada. Para a la e o Andrea (também focolarino) não faltaram anos difíceis, mas eram ambos muito unidos e testemunhavam uma fé inabalável no amor do Pai, que tem nas Suas mãos a nossa vida e a conduz.

Se é verdade, como nos dizia Chiara, que se morre como se vive, em la vimos isso realizado.

Quando, há cerca de um ano, se manifestou uma doença grave, disse o seu sim a Deus, considerando esta a etapa mais importante. No seu quarto respirava-se a presença do divino. Quem estava com ela ou quem a visitava tinha a sensação que estivesse já em Deus. Amou até ao fim, sem nunca parar.

À gratidão de todos junta-se a dos netos, expressa por Irene, que leu um texto escrito pela avó, no qual ela lhes contava a beleza da escolha que fez na sua vida.

Robert Onyealusi (ROBU)

«Ponte» para o Ideal na Nigéria

Na festa de todos os santos, o Robert, primeiro focolarino casado da Nigéria, concluiu a sua «santa viagem» serenamente, rodeado pela sua mulher, Priscilla, pelos focolarinos e focolarinas da Zona que, naquele dia, estavam reunidos para o encontro de "aggiornamento". Atraídos pela sua vida com Jesus Abandonado, foram todos visitá-lo e, no fim de terem rezado o terço, enquanto cantavam a Salvé Rainha, o Robert «voou» para o Paraíso. Tinha nascido no dia 30 de abril de 1952.

Ele próprio contou o seu primeiro encontro com o Ideal, nos Camarões, numa altura em que lá se encontrava por motivos de trabalho: «Em 1978, três homens entraram na minha loja em Bamenda, na zona Oeste dos Camarões. Notei neles uma grande diferença em relação aos outros, na maneira como falavam e faziam as coisas. Isto impressio-



nou-me e, quando acabaram de fazer as compras, decidi acompanhá-los até ao alojamento deles. Este foi o primeiro contacto com o Movimento e comecei a receber todos os meses a Palavra de vida. Depois descobri que um deles era até nigeriano – com o nome de Dick – e isto encorajou-me mui-

to. O Focolar dos Camarões encarregou-me depois de levar a Palavra de vida todos os meses para a Nigéria, uma vez que, como *business man*, viajava para lá com regularidade. Com alegria aceitei tornar-me “a ponte” entre os Camarões e a vida, que começava a nascer na Nigéria.

Desde o momento em que, em 1981, voltou a viver na sua terra, o Robert tornou-se lá uma das primeiras colunas da Obra, doando-se com muita generosidade, fidelidade e incansável dedicação. Ele e Priscilla, tornaram-se ambos focolarinos casados, foram a família focolar responsável por esta nação. Com particular dedicação e amor acompanharam numerosas famílias e, quando o focolar

chegou a Onitsha, foram eles que receberam em sua casa as focolarinas que vieram para o abrir.

Durante estes anos, foram muitas as pessoas que ficaram impressionadas pelo luminoso testemunho de amor pessoal transmitido pelo Robert. Era impressionante a sua disponibilidade para fazer a vontade de Deus e o facto de não se deter diante das dificuldades, que sabia superar graças à sua relação profunda com Jesus Abandonado. Falava pouco, mas estava totalmente projetado no amor aos irmãos. Construía a realidade do focolar com simplicidade e de modo concreto. Em 1998, depois da repentina morte do então responsável do Movimento na Nigéria, Miguel Angel Andradas, disponibilizou-se de imediato para se mudar com a família de Onitsha para Igbariam, para ajudar na vida do Ideal a comunidade que estava a nascer naquele lugar, tendo lá ficado durante quatro anos. A sua relação com Chiara foi muito forte. Depois de uma escola de formação, em 1989, escreveu-lhe: «Prometo-te que, com a ajuda de Deus, vou transmitir este fogo com o máximo das minhas forças. Farei todos os possíveis para que a Obra vá para a frente em todos locais onde eu estiver». Foi muito grande a sua alegria quando, em 2000 e 2001, Chiara foi a Fontem. Quando, no dia 7 de dezembro, pronunciou as votos perpétuos, escreveu-lhe: «Posso apenas dizer um enorme obrigado a Ele Abandonado e a ti mãe Chiara. Repeti o meu “sim” definitivo com todo o coração». O nome novo que Chiara lhe deu é: ROBU (albeRO BUono = árvore que dá muitos frutos) e a sua Palavra de vida, retirada de Jo 8,29: «Eu faço sempre aquilo que Lhe agrada». Em 2004, foi-lhe diagnosticada uma doença grave, tendo começado uma nova etapa na sua «santa viagem». Transmitiu-me muitas vezes os momentos de suspensão e de grandes sofrimentos, mas aceitando tudo das mãos de Deus. Quando há poucos meses a doença se agravou, disse: «Estou pronto para aquilo que Ele quer» e apoiado pela unidade de Priscilla, dos quatro filhos e do focolar, o encontro com Jesus aproximou-se. Ofereceu tudo pela Obra e, de modo particular, pela Assembleia.

Agradecendo a Deus por nos ter dado um irmão gigante na caridade, unimo-nos em oração.

Valter Todesco

«O Ideal ajuda-me a viver»

No dia 21 de novembro, dois dias depois da partida para o Céu, realizou-se, em Génova, o funeral de Valter, focolarino casado italiano. Nascido há 67 anos, em Parma, tinha oito anos quando a sua mãe foi para Londres e o entregou ao cuidado dos avós e, mais tarde, dos tios. Quando acabou os estudos, começou a trabalhar em lojas de artesanato, e aos vinte anos foi para Turim, onde trabalhou no armazém de uma fábrica. A grande cidade absorveu-o em projetos típicos da sua idade. Entre os muitos amigos que lhe perspetivavam um futuro melhor, existiu também quem o convidou para umas férias, diferentes do habitual, na montanha. Cheio de expectativas, o Valter partiu para o Val d'Aosta e aí encontrou-se a viver a sua primeira Mariápolis. Experimentou um entusiasmo cada vez maior, a sua vida adquiriu significado, começando pelo trabalho e pelos relacionamentos com os outros colegas e amigos. Dava-se conta que, ao colocar em prática a Palavra de Deus, sentia em si uma nova plenitude. Conheceu Delia, que também procurava viver este espírito evangélico, e também ela se via enriquecida pela formação e pela experiência do carisma da unidade. Foi uma grande festa, quando em 1972, o casamento oficializou o amor de ambos. A família começou logo a crescer com o nascimento de Dario, de Maria Chiara, de Enrico e por fim de Alessandro e Matteo. Foram anos bons. Em 1983, escreveu a Chiara: «O Ideal ajuda-me a viver sempre cada vez mais em Jesus. Para Lhe agradecer quero doar-me a Ele para sempre». Valter e Delia amadurecem a sua vocação na Obra com as Famílias. Os filhos cresceram, o trabalho não faltou. Depois desses anos serenos, começou um período de escuridão. O trabalho de Valter, que se estabeleceu por conta própria, absorveu-o a ponto de sacrificar os afetos familiares mais preciosos e até chegar a separar-se da mulher. Em



2000, o Valter deixou Turim e regressou a Génova. Procurou trabalho, encontrou-o e passou a residir numa casa muito pequena. Renunciou à comodidade para pagar os estudos dos filhos. A crise familiar fê-lo sofrer muito e perdeu o contacto com o Movimento. Pouco a pouco os amigos do focolar, que nunca o abandonaram, apesar de respeitarem a sua liberdade, aproximaram-se dele. Nasceram novos relacionamentos, o focolar de Génova ficou em festa por este irmão que aderiu novamente em pleno ao Ideal de Chiara, que em jovem o tinha entusiasmado e preenchido plenamente. A seguir vieram os sintomas e a confirmação de uma doença que avançava rapidamente. O Valter informou a Delia da sua doença, dizendo-lhe

de imediato: «Recebo tudo com alegria! Devias ver como os médicos ficaram surpreendidos!» E ainda: «Por favor, transmite isto aos miúdos». De facto, o seu maior desejo era que os filhos ficassem alegres e felizes. Com o agravamento da doença esteve durante dois meses no focolar de Génova, onde os focolarinos o acompanharam no percurso final. E o Valter ajudou-os a procurar o essencial e a escolher o que vale mais, na partilha plena de pensamentos, dúvidas, fragilidades e dificuldades. Em 1994, Chiara tinha-lhe dado a Palavra de Vida: «Carregai os pesos uns dos outros» (Gal 6,2), com o convite a «manter constantemente acesa a chama de Jesus no meio». Mantendo vivo o amor recíproco, rezemos por Valter e pela sua família.

Margherita Messineo

Fidelidade até ao fim

No dia 1 de dezembro partiu para o Paraíso a Margherita, focolarina casada, nascida em Roma em 1925.

Conheceu a espiritualidade do Movimento em 1958 e, um ano depois, ficou conquistada ao encontrar-se com Ginetta Calliari, uma das primeiras companheiras de Chiara. Começou, assim, com o marido Agostino, a participar nos encontros na sala Bergamaschi, em Roma, onde ao domingo a pequena comunidade se encontrava com as primeiras pessoas que testemunhavam o Ideal da unidade. A Margherita contava: «para cada situação que vivia existia uma palavra do Evangelho que me sustentava... descobria que tudo vem do amor de Deus».

Bem cedo percebeu que Deus a chamava para fazer um escolha radical, totalitária de Deus. Escreveu a Chiara: «Ao ouvir o futuro programa para nós, os casados, tive na minha alma uma grande impressão, como se fosse esmagada por muitas responsabilidades novas e me sentisse incapaz. Depois resolvi-me, pensando que só Jesus no meio, com a nossa colaboração, poderá fazer tudo



o que tu nos diseste. ... Obrigada por esta escola de vida». Também Agostino, por seu lado, sentiu que devia seguir o mesmo caminho de focolarino casado.

Viver a unidade no focolar, construída e renovada, com o olhar dirigido para o Ut omnes, imitar Maria no seu stabat e experimentar a alegria que brota de Jesus Abandonado, tornaram-

se os alicerces da Santa Viagem. Era simples como uma criança do Evangelho, amava a todos, a sua caridade aperfeiçoava-se. Em 1996 escreveu a Chiara: «Foi como se tivesse acontecido um milagre na minha vida porque me encontrei com a alma renovada pelo carisma... A espiritualidade coletiva foi uma força nova para ir para a frente e encontrei a alegria nas dores das vicissitudes do dia a dia».

Com o decorrer dos anos a sua escolha de Deus foi posta à prova. Margherita escreveu: «Dias difíceis estes, duros, sempre a cruz! Sinto-me nos limites da resistência humana, mas tenho ainda de continuar em frente no momento presente, entre Jesus e Maria. Tudo foi varrido, como as folhas de uma árvore. O que ficou? A cruz despida, sobre a qual todos os dias tenho de me colocar, para continuar a dizer o meu sim. Saber ler as dificuldades e os sofrimentos à luz do amor de Deus». E escreveu de novo a Chiara, em 1974: «Percebi que Jesus Abandonado é apenas uma passagem,

é um túnel escuro sem luz ou é como a neve na auto-estrada que não nos deixa ver, mas sabemos que depois vem o sol. Eu encontrei o Sol, é como a crisálida que se move para deixar sair a borboleta. Tinha perdido o Paraíso, agora encontrei-O... é o amor trinitário que nos liga, descobri de novo o focolar, como Igreja».

A sua saúde tornou-se débil, mas continuou a caminhar atrás daquele Sol, daquela Luz. Os frutos foram abundantes entre as Famílias Novas e no diálogo ecuménico. Seguiu, com imaginação, os que lhe foram confiados e com generosidade pôs em comum os bens de que podia dispôr para, juntamente com Agostino, ajudar, desde o princípio, o Movimento em Roma e todos os que precisavam.

«Fidelidade até ao fim» é a palavra que sintetiza os longos anos da sua existência, também na

família, na relação com Agostino e com as filhas Chiara e Agnese.

Há alguns anos Chiara tinha-lhe dado um programa de vida, resumido no nome «Amata», dizendo-lhe que a sua existência teria podido exprimir a frase de Jesus: “Eu sou a ressurreição e a vida” (Jo II, 25).

Desta ressurreição, a Margherita deu contínuo testemunho, mesmo quando as dificuldades físicas lhe limitaram os encontros e as deslocações. Os olhos, sempre luminosos e expressivos, e as suas palavras medidas, mas cheias de sabedoria, sabiam dar, a quem dela se aproximava, toda a alegria que brotava da sua relação com Jesus.

Rezemos por ela e pela sua família, ficando unidos em Jesus Eucaristia, vínculo entre o Céu e a Terra.

p. Silvano Albisetti

Um hino de gratidão

No dia 18 de agosto, o Pe. Silvano, sacerdote focolarino, nascido em Morbio, na Suíça, chegou à Mariápolis celeste, com 83 anos de idade. Último de seis filhos, sentiu a vocação ao sacerdócio ainda na infância e foi ordenado sacerdote aos 23 anos. Em 1969 foi nomeado vigário geral e, em maio de 1972, conheceu o Movimento. Em 1974 escreveu a Chiara: «Quero ser, não um meio Jesus, quero ser como Jesus, como Maria... por isso digo o meu “sim” para me gastar na unidade e pela unidade. Como fazer isso?... tu vais ensinar-me. O Movimento ajudou-me a perseverar no difícil cargo de vigário geral, para o qual não me sentia nem me sinto preparado, mas vejo que o Senhor me amou e me ama e se congratula de se servir do meu nada».

Sensível à beleza e à arte, escreveu letras para cânticos que ainda hoje animam as liturgias. Em 1978 escreveu: «É duro porque me encontro envolvido num ritmo de atividades que parece



não me deixar respirar», mas naquela altura divulgou o Ideal às mãos cheias e muita gente conheceu através dele a espiritualidade da unidade.

Entre os atuais internos e aderentes da Suíça, de língua italiana, encontra-se em muita gente a presença «acompanhadora» do Pe. Silvano, cuja Palavra de vida era: «Dei-vos o exemplo para que, assim como Eu fiz, vós façais também» (Jo 13,15).

Deu muito de si em todos os campos em que trabalhou. Entre o pessoal, as religiosas e os hóspedes da casa de idosos que durante anos serviu, não era raro ouvir-se defini-lo como «um santo».

No passado mês de agosto, depois de dois AVC's, o Pe. Silvano entrou em coma. Na longa agonia, o quarto do hospital foi meta de “peregrinações” de muita gente, de todas as partes da Suíça, que lhe estava muitíssimo reconhecida. Do seu testamento espiritual: «Há alguns anos, descobri a pérola de Jesus Abandonado e quero abraçá-Lo da maneira que Chiara nos ensinou, para estar para sempre no Ressuscitado e com o Ressuscitado. Nele reconheço e confesso todas as fragilidades e fraquezas desta existência terrena e peço humildemente perdão a Deus e a todos os

irmãos e irmãs [...]».

O seu funeral foi um hino de gratidão pelo testemunho da sua vida, por parte do Bispo, de muitos sacerdotes e do povo de Chiara daquela região.

Franco Galli

Warina Yousif Penyamin

*Uma flor plantada
no céu*



Conhecida pelo seu amor à vida e à família, Warina, voluntária do Iraque, chegou à Mariápolis celeste no dia 27 de agosto, com 43 anos de idade, deixando o marido, Haqi, voluntário de Deus e os dois filhos, Marcel

e Matilde. Tinham todos conhecido o Ideal em 1997. Ela contava que «desde aquele momento a minha vida mudou, assim como o meu modo de pensar». Empenhou-se primeiro como aderente e mais tarde como voluntária, e muitas eram as suas experiências, sobretudo com as pessoas de família a quem procurou sempre testemunhar o amor que tinha no coração. Em 2007, foi-lhe diagnosticado um tumor e teve de se submeter a duas operações num intervalo de poucos dias, a que se seguiu a quimioterapia. Um calvário duro para ela e para a família, mas: «O amor a Jesus Abandonado deu-me força e coragem... Devido a esta doença percebi que Deus me ama como sua filha». Até 2011 parecia que tudo corria bem, mas, numa consulta de rotina, descobriu-se que a doença não estava debelada. Uma terceira operação obrigou-a a estar de cama durante um longo período. Era Verão, a temperatura atingia os 45 graus e muitas vezes faltava a eletricidade. Apesar de tudo, Warina sentia «força e paz interior, que procurava transmitir a quem estava ao meu lado»,

em família ou no hospital «com a oração ou com uma palavra de encorajamento».

Foi acompanhada pelo amor das voluntárias, que muitas vezes faziam a reunião de núcleo em sua casa. Tendo recuperado um pouco as forças, decidiu com a família, como muitas outras pessoas, deixar o Iraque por causa da situação do País, e poucos meses depois chegou ao Canadá. As voluntárias disseram-nos: «Perdemos uma irmã e uma amiga. Mas ela deixou nos nossos corações o seu amor e a sua fidelidade a Jesus Abandonado... Foi um exemplo de doação e amor sem limites». Warina, uma flor plantada no céu. Agora está mais próxima de Deus, a quem sempre amou.

Rita Moussallem

Lois (Kallos) Irsara

Um artista sábio

Lois de Jan nasceu há 91 anos em Cialaruns no Val Badia (Trentino Alto Adige) numa família de agricultores, e era o primeiro de oito irmãos. Ele próprio contava: «Nasci na alta montanha, a 1600

metros de altitude: um lugar maravilhoso! A minha avó era irmã do nosso santo Giuseppe Freinademez (missionário martirizado na China). Aos 11 anos fui para Tortona, para a Pequena Obra da Divina Providência



do P. Orione, e fiquei lá durante um ano e meio. Foi um período em que sentia em mim que devia tornar-me santo, como o meu antepassado [...]. Iniciei a minha atividade artística esculpindo pequenos animais, veados e Crucifixos, que vendia aos turistas. Mas ninguém me ensinou. Depois tive uma intuição: “SSopn = Sedes Sapientiae ora pro nobis, eis o Mestre perfeito e mesmo bom!” Esta foi a sigla com que assinei os meus primeiros trabalhos».

Silvio Gianotti

«O “fato” que me ficava bem»



Em 1953, frequentou uma escola de pintura em Milão e em 1961 casou-se com Giovanna e nasceram três filhos. Juntamente com amigos criou a associação cultural «Ert por i ladins» e promoveu, durante mais de 40 anos, cursos de pintura em Brunico e em Val Badia.

Em 1970 tinha de pintar um grande relógio de sol para a escola da sua aldeia, mas não lhe vinham ideias. Foi convidado para a Mariápolis. «Sim, encontrei o “relógio de sol” que aponta o seu centro para Deus: o Ideal de Chiara. Fiquei encantado com o rosto de Chiara: uma beleza! Perdia-me sempre durante o vídeo, impressionado com tamanha beleza!».

O diálogo com ela, a sua mestra de vida foi ininterrupto; a própria Chiara tinha juntado num album as suas aguarelas de que gostava muito. «Recebi de Chiara o nome novo “Kallos = beleza, que é paz, harmonia e unidade” e a Palavra de vida: “Feliz o homem que encontrou a Sabedoria (Prov 3,13), e a Sabedoria é Jesus Abandonado”. Uma Palavra que procurei viver na vida e na arte... o ir para além da chaga é aquilo que na pintura faz com que uma obra seja arte, ou esteja para além dela, ou então não é arte».

Em 2010, Lois fez uma intervenção numa vista, com dois anos de internamento e dores contínuas. «Estou treinado! Por sorte, porque “um bandido” como eu precisa destas coisas para se converter... bons estes planos de Deus; cabe a nós fazer ginástica para vencer a corrida da santa viagem. Continuo a pintar só com uma vista, mas é melhor porque vejo o essencial!» Um dia viu três aves sobre um ramo e uma quarta que continuava a sobrevoar ali ao redor; Lois escreveu: «Era como quando Chiara nos falava do Paraíso: a Trindade com Maria que dançava de alegria. Peguei no pincel e nas tintas, fixando na tela esta belíssima imagem» A Chiara, e também a todos nós, escreveu: «Quero conhecer o Ideal, não perder-te de vista nem um momento, escrever-te, seguir-te por onde fores, escutar-te, pôr em prática o que dizes, meter na cabeça a Palavra de vida, correr atrás de ti como um cego, à procura do teu Ideal, a maior coisa que existe no mundo...».

Lois partiu a dormir, acordando na Vida que tanto tinha amado, pintado e sonhado.

Glauco Venuti

O Silvio nasceu em San Michele all'Adige (Trento) e, em maio de 1951, o pároco convidou-o para um encontro do Movimento dos Focolares, onde conheceu a Palmira Frizzera e a Aletta Salizzoni. Sobre ele escreveu: «Recordo ainda a profunda impressão que me deixou. Fiquei tocado pela novidade, pelas ideias e pelos princípios evangélicos que se viviam. Para mim foi como um anúncio, que me recordava o do Anjo a Maria».

Em 1954 casou-se com Afra. Foram a Lourdes em viagem de núpcias: «Diante daquela gruta, quase sozinhos, com fé e muita comoção, consagramo-nos a Ela e Ela tomou-nos a sério, chamando-nos, logo a seguir, para a sua Obra». Durante 35 anos tiveram uma loja «gerida honestamente, numa aldeia com 300 habitantes, que não nos enriqueceu economicamente, mas nos enriqueceu nos relacionamentos construídos com a família e com a comunidade».

Em 1965, no primeiro encontro em Roma, percebeu que o Ideal é um tesouro para dar e viver com os outros. E ofereceu-o com alegria à mulher e aos amigos. Começou um novo caminho de vida, um maior serviço à família, no trabalho, na Igreja e na sociedade. Pouco tempo depois também a mulher o seguiu. «Com ardor - contou - pus-me a difundir o Ideal na minha terra, a fazer assinaturas da Cidade Nova, a frequentar regularmente os encontros da Obra, que me ajudaram a crescer humanamente e espiritualmente, nos relacionamentos com as pessoas, a gerir as coisas deste mundo com desapego. Senti-me plenamente realizado, encontrei o meu lugar na Igreja, o “fato” que me ficava bem». Voluntário de Deus, «completo

na minha carne o que falta às tribulações de Cristo» (Col 1,24) era a sua Palavra de vida. Cooperantes e apoiantes do Centro de ajuda à vida, não conseguindo ter filhos, a Afra e o Silvio abriram-se a outras famílias e à adoção, em 1961, da Maria Teresa. Alimentando-se diariamente da Eucaristia,



Antonio Giardina

Pioneiro de Famílias Novas em Nápoles

O Antonio, um dos pioneiros do Movimento em Nápoles, tinha conhecido a Obra com a mulher, a Matilde, no início dos anos '70, num encontro para o qual foi convidado pelo Pe. Giovanni Sansone (v. Mariapolis n. 6/2014). Empenharam-se de imediato nas Famílias Novas.

Dirigente bancário, colocou ao serviço dos outros as suas notáveis capacidades de organizador e *manager*. No início dos anos '80, generosamente e com o Cipriano Quintale e o Antonio Vetrano, seguiu com muito interesse a reconstrução de um velho convento em Vico Equense, que foi durante anos o primeiro Centro Mariápolis da zona de Nápoles. Depois, sempre com os outros dois, servia à mesa, aos fins-de-semana, nos

foi ali que encontrou, até ao fim, a força para viver amando cada próximo e criando ao seu redor a comunidade cristã. Como ministro extraordinário da Comunhão, dizia que tinha a oportunidade de «levar um pouco de amor ao domicílio». Deixou-nos no dia 30 de setembro, com 90 anos de idade.

encontros da Obra onde se formaram muitíssimas pessoas.

O Antonio e a Matilde (eram um binómio inseparável) foram, durante décadas, um dos principais pontos de referência do Movimento Famílias Novas para a comunidade de Fuorigrotta (uma das mais vivas de Nápoles), para a paróquia e para a comunidade religiosa dos Canónicos Lateranenses de Piedigrotta. Conseguia estabelecer relacionamentos de fraternidade com toda a gente que contactava. Dialogava e respeitava profundamente toda a gente: desde os filhos à mulher, os colegas de trabalho e os amigos. Com a filha Fausta, há muito tempo focolarina na África do Sul, durante anos e juntamente com a Matilde) manteve contacto via skype, do qual se tornou um perito. Neste último ano perdeu dois pontos de referência muito importantes para ele: a Matilde e o Pe. Giovanni, que partiram para o céu com poucos dias de diferença um do outro. Apoiado por muitas pessoas, passou os últimos meses em paz, sempre disponível para os filhos e para os netos. Faleceu de repente, no dia 20 de Julho, aos 87 anos de idade.

Bruno Cantamessa

Irmã Maria Teresa Eller (Marité)

A unidade foi o fundamento da sua vida

A nossa amada Marité, a irmã Maria Teresa Eller, uma das primeiras religiosas internas da Obra de Maria da América Latina, chegou à Mariápolis celeste no

dia 9 de setembro. De nacionalidade alemã, pertencia às Irmãs da Santa Cruz. Conheceu o Ideal na primeira Mariápolis que se realizou no Chile e lançou-se, doando-se sem limites. Mudou-se para



Buenos Aires, na Argentina, e aí contribuiu para o nascimento do Movimento das Religiosas. Pôde passar quase um ano na Villa Achillia, em Roma, e escreveu a Chiara: «Tu ensinaste-me como amar a minha Fundadora; deste-me o tesouro da minha vida, com Jesus no meio e a arte de amar, mas sobretudo iluminaste-me, como Irmã da Santa Cruz, sobre o que deve ser o mistério de Jesus Abandonado concretamente para mim». Quando regressou, traduziu para uma linguagem atualizada todos os

escritos da sua Fundadora, trabalho que foi muito apreciado por toda a Congregação.

Quando celebrou 50 anos de vida religiosa escreveu a Chiara: «Tu foste um grande tesouro na minha vida de religiosa [...], alcancei a felicidade de ser uma Irmã da Santa Cruz. Do fundo do meu coração, quero agradecer-te por tudo, e como prenda peço a Jesus o *Ut omnes*». Sinto-me muito unida a ti através da fonte, que é para mim o focolar».

Cecilia Capuzzi

Olivia Rodriguez Amorim

Desapegada dos bens

A Olivia, voluntária, nasceu no Sudeste do Brasil, em Claudio, no ano de 1932. Nos anos '70 abraçou o Ideal, procurando vivê-lo plenamente, o que a fez crescer no amor a Deus. Participava muito na paróquia e todas nós nos confiávamos às suas orações pelas nossas intenções. Trabalhou muito para a Economia de Comunhão, como responsável da comunidade, na recolha e envio dos donativos para a ESPRI. Como morava numa praça muito central, punha constantemente a sua casa à disposição, recebendo sempre todos com muito afeto e ficando atenta àquilo de que precisavam. Era desapegada das coisas materiais. Na altura dos encontros e das Mariápolis, dava os trabalhos que fazia – costurava e bordava muito bem – para ajudar os que, por motivos económicos, não podiam participar. Nas Mariápolis ocupava-se dos trabalhos mais humildes. Tinha problemas de saúde e sentia-se muito mal quando fazia viagens, mas abraçava Jesus Abandonado e participava de igual



modo nos encontros, mesmo que fossem longe.

Recebeu de Chiara a Palavra de vida: «No que fizerdes, trabalhai de todo o coração, como quem o faz para o Senhor» (Col 3,23) e procurou vivê-la concretamente, até à conclusão da sua santa viagem, no dia 8 de julho.

Riscelta Lyra

Leny Schmid

Primeira voluntária do Vallese

A Leny, uma das primeiras voluntárias suíças, chegou à meta no dia 8 de setembro, com 94 anos de idade. Em 1964 tinha conhecido o Movimento, que se tornou a sua família. Com o marido geria uma pensão com restaurante e pastelaria, numa aldeia de montanha do Vallese. A sua pensão foi aberta à Obra, hospedando, durante muitos anos, grupos de sacerdotes do Movimento, entre os quais o Bispo Hemmerle durante as



férias de verão e, mais tarde, também outros bispos: Muito trabalhadora, com uma fé profunda, hospitaleira, relacionava-se facilmente com as pessoas e, na sua aldeia, era conhecida e amada por todos. Com o amor a Jesus Abandonado e à Desolada venceu duras provações, como as mortes do marido e de um dos quatro filhos. Esta aconteceu em circunstâncias difíceis. Em 2001, escreveu uma carta a Chiara: «É verdade que tenho de perder muito, mas Deus está comigo e digo-lhe muitas vezes: Tu és o meu Único Bem. Quero fazer só

a tua vontade». Apesar da intensa atividade em família, a Leny procurou estar presente, enquanto podia, nos encontros, quer em Baar quer em Roma, e que para ela eram «sagrados». Com a diminuição das forças e da saúde, foi para uma lar de idosos. Não foi fácil ir para um ambiente novo, mas estava feliz porque podia assistir todos os dias à Missa. Aí via-se que estava sempre em doação, queria saber as notícias detalhadas sobre a Obra e sobre os encontros, pelos quais viveu intensamente até ao fim.

Marianne Rentsch

Ilva Vannucci Magnini

Com grande entusiasmo em Pistoia



No dia 22 de agosto de 2014, a Ilva, com 91 anos de idade, concluiu a sua «santa viagem». Conheceu o Ideal na Mariápolis de Fiera di Primiero, em 1958. Foi convidada, com o marido e o filho, por uma voluntária de Pistoia, que a seguiu até ao seu ingresso no ramo das voluntárias. O seu marido, Marcello, que em Fiera ficou profundamente convertido ao Ideal, procurou viver cristãmente, deixando à Ilva muito tempo para se dedicar à Obra. Depois do lançamento de Città Nuova, a Ilva ia distribuí-la às portas das igrejas de Pistoia e de Prato, com as outras voluntárias do núcleo. Deslocando-se de motorizada, fazia chegar a folha da Palavra de vida às paróquias da cidade. Muito simples, colocava-se ao serviço das pessoas que encontrava. Muitas delas tornaram-se suas amigas e participaram com ela em várias Mariápolis. Por sua vez, estiveram presentes nestes anos em que, por motivos de saúde, não podia sair. Uma, em especial, acompanhou-a no momento da partida para o céu, com a alegria de poder exprimir-lhe o seu obrigada pela dádiva do carisma. A Ilva conseguiu uma

grande unidade na sua família, tanto que há alguns anos escreveu: «Agora posso dizer que tudo mudou». Chiara tinha-lhe dado a Palavra de vida: «Tudo o que o Senhor quer, Ele realiza» (Sal 135, 6). A Ilva escreveu: «Se olho para aquilo que sou, vem-me um grande medo, pensando neste Ideal difícil de viver

e maravilhoso ao mesmo tempo, mas Chiara coloca-nos na alma o gosto pelo divino e não se pode fugir».

Com regularidade seguiu um grupo da Palavra de vida. «Conheço o Ideal há tanto tempo e às vezes tenho medo de o deturpar...» mas «com Ele senti uma força que não é humana, uma grande confiança, paz, união com Deus».

Ide Manici

Antonio Borrelli

Um escultor de paz

Escultor e pioneiro do «diálogo entre pessoas de fé religiosa e pessoas de convicções não religiosas», o Antonio Borrelli faleceu em Nápoles, no dia 11 de fevereiro, com 85 anos de idade. Ele, de convicções não religiosas, e a sua mulher Diana, focolarina casada, foram um exemplo luminoso de como este



diálogo é possível. Possuía uma grande humanidade e respeito por quem tinha convicções diferentes das suas e um grande amor pelos pobres, pelos deserdados, pelos desempregados, pelos últimos da sociedade. Ainda muito jovem, numa Nápoles pobre, andou à procura de trabalho. Tornou-se membro ativo do Partido Comunista Italiano, nos anos '50, envolvido em muitas vicissitudes, e esteve preso. Quando completou os estudos, em 1955, teve a possibilidade de ir para Hong Kong, na China, trabalhar durante três anos como designer muito dotado. De regresso a Itália, a sua atividade artística possibilitou-lhe ensinar no Instituto de Arte e ser docente de «Técnica da fusão» na Academia das Belas Artes de Nápoles, desde 1978 até à aposentação. Ele próprio contou: «o relacionamento que existia na nossa família baseava-se nos valores fundamentais do trabalho e da honestidade. Quando, através da minha mulher Diana, soube que Chiara Lubich, católica, tinha aberto na igreja um diálogo com pessoas de fé não religiosa e sem ideias de proselitismo, quis conhecer essa senhora e dar o meu contributo até que este diálogo se afirmasse e se difundisse».

Considerava que Chiara Lubich era essencialmente uma mulher de paz. Isso era importante, porque para ele existia uma relação direta entre o diálogo e a paz.

Com serenidade convidava-nos a refletir sobre os valores das diferenças: «Quando existe o diálogo não há conflito». E ainda: «O primeiro passo, pouco fácil, é a aceitação das diferenças, que no mundo são uma riqueza, e não um fator de divisão. Mas é necessário fazer ainda muito caminho para que esta visão entre

na nossa mentalidade e incida sobre o nosso agir».

«Senti sempre que havia uma relação estreita entre aquilo que realizava como artista e a pureza, a sinceridade, a autenticidade, todas as manifestações daquele divino que, para um crente é a pegada de Deus, e que para mim é a energia primordial que deu vida ao cosmo, ao sistema solar, às estrelas, a um lago... Eu procurei transmitir tudo isto aos meus filhos e aos meus alunos, aos meus amigos».

Na noite anterior à sua morte, doente há cerca de um mês, rodeado pela mulher e pelos filhos, para fazerem um brinde, perguntaram-lhe: «Antonio, a que brindamos?» e ele, com a simplicidade de uma criança, respondeu: «Brindamos à paz».

Bruno Cantamessa

Os nossos parentes

Passaram à Outra vida: **Caterina, a mãe de Carmine Donnici, focolarino na Turquia; Ambrose Nyaga, pai de Joan Wanjira; Umberto, irmão de Donata (Pinin) Paris; Gino, irmão de Desolata (Desi) Gallo; Genoveva, mãe de Eloisa (Eloi) Pavoni, focolarinas na Mariápolis Romana; Paul, pai de Marius Mueller; Maria, mãe de Dionisio Cossar e Francesco, irmão de Armando Tonon, focolarinos na Mariápolis Romana; Flavia, irmã de Luisa Franzoia, focolarina casada de Trento; Assunta, mãe de Adriana Martinelli, focolarina no Centro Mariápolis de Cadine e de Anna, voluntária; Ida, mãe de Ornella Ferrarini, focolarina em Verona; a mãe de Franco Franceschini, focolarino em Milão; René, pai de Marie Pierre Flour, focolarina em Paris; Amanda, mãe de Jutta Amanda Beyer, focolarina na Índia; Giovanna, mãe de Pina Capelli, focolarina casada da zona de Roma; Boy, irmão de Mary Frances Colayco, focolarina na Irlanda; François, pai de Michel Vandeleene, focolarino em Montet.**

MARIÁPOLIS Noticiário interno do Movimento dos Focolares

Revista mensal • Número avulso: € 1,50 • Ano XXXI • Dezembro de 2014 • Propriedade: Movimento dos Focolares (Obra de Maria) • Morada: **Cidadela Arco-Íris • Vale Menriço • 2580-059 ABRIGADA • Tel.: 263 799 995** • Diretora : Filomena Viegas • Tiragem: 400 exemplares • Impressão e pré-impressão: Impresso na U.E. • Colaboradores: Sara Cruz • Isenta de Registo na E. R. C. (ao abrigo do Decreto Regulamentar 8/99 de 9/6, Artigo 12º. nº1a).

Festas de Natal gen4

Mais uma vez as e os gen4 foram os verdadeiros protagonistas das festas de Natal Gen4! Foram 9, de Norte ao Sul do País e Ilhas, durante o mês de Dezembro. Ao todo estiveram cerca de 300 crianças.

Recordaram a História do Nascimento de Jesus, reconstituindo-a com teatrinhos em que todos participavam, usando os meios ao alcance. Com a sua espontaneidade e alegria, contaram como fazem no dia a dia para amar Jesus. Tudo enriquecido com muitas canções e muitos jogos.

Foi a ocasião por excelência para os gen4 convidarem todos os seus amigos e dar a conhecer quem são os gen4 e, juntos, viverem o verdadeiro sentido do Natal: **porque o Natal é Jesus!**

